

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR – ENS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**UMA NARRATIVA FORMATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UEA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**MANAUS**

**2022**

**EMMANUELLE SILVA CARVALHO**

**UMA NARRATIVA FORMATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UEA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Escola Normal Superior – ENS da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos.

**MANAUS**

**2022**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

C331un Carvalho, Emmanuelle Silva

Uma narrativa formativa sobre a construção da identidade docente no estágio supervisionado do curso de Pedagogia da UEA em tempos de pandemia / Emmanuelle Silva Carvalho. Manaus : [s.n], 2022.

82 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Raimundo Sidnei dos Santos Campos

1. Estágio supervisionado. 2. Narrativa formativa.  
3. Identidade docente. 4. Pedagogia. I. Raimundo Sidnei dos Santos Campos (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Uma narrativa formativa sobre a construção da identidade docente no estágio supervisionado do curso de Pedagogia da UEA em tempos de pandemia

## TERMO DE APROVAÇÃO

**EMMANUELLE SILVA CARVALHO**

### **UMA NARRATIVA FORMATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Monografia apresentada em 27/10/2022 para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

#### **BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos (Orientador)**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA



**Prof.<sup>a</sup> Dra. Caroline Barroncas de Oliveira (Avaliadora  
Interna)**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA



**Prof.<sup>a</sup> Dra. Edilza Laray de Jesus (Avaliadora Externa)**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha amada mãe.

Mãe, sem você nada disso seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que, com o seu amor e infinita bondade, ouviu todos os meus clamores e preces, me dando forças para superar cada adversidade, permitindo que meu sonho pudesse virar realidade. Deus, obrigada por me amar tanto. O seu amor me transforma a cada dia.

A minha mãe, minha mãezinha, a razão da minha vida, a minha inspiração diária e o motivo pelo qual eu luto todos os dias. Todas as minhas vitórias são suas, pois elas só são possíveis por você caminhar ao meu lado.

A minha família, que sempre me apoiou, acreditou e esteve comigo, sendo a minha base.

Ao meu namorado, Luiz Henrique meu companheiro de vida, que acompanhou desde o início da minha jornada acadêmica e sempre me apoiou, motivou, esteve ao meu lado acreditando em mim em todos os momentos, vibrando em cada vitória e sendo, também, a minha força para enfrentar os dias difíceis.

Aos meus amigos que tornaram a caminhada mais leve e que fizeram parte da minha construção de identidade docente. Em especial, a minha melhor amiga, Henny Menezes, que sob hipótese alguma soltou a minha mão, caminhou ao meu lado, compartilhando, vibrando junto comigo cada conquista e sendo uma das minhas inspirações. Agradeço em especial também a minha amiga Fabiangela por todo suporte nesses últimos tempos. Amiga, você é um anjo enviado por Deus na minha vida.

Ao meu orientador, Raimundo Sidnei, que, sobretudo, é a minha maior inspiração docente, um exemplo de profissional e ser humano, que sempre me acolheu, me ouviu e me ajudou a vencer cada obstáculo; sempre com a sua educação e empatia admirável. A caminhada tornou-se mais leve com a sua presença.

E, por fim, minha eterna gratidão a todos os professores da UEA que fizeram parte da minha formação docente, que se dispuseram a compartilhar conosco as suas vidas, experiências, contribuindo para a nossa construção. Sem dúvidas, saímos da graduação com a certeza de que estudamos com os melhores mestres e estamos prontos para lutar por uma educação cada vez mais humana e igualitária.

## RESUMO

O presente estudo aborda as narrativas acadêmicas vivenciadas durante o estágio supervisionado na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em tempos de pandemia e como isso influenciou na construção de identidade docente no curso de pedagogia da UEA. O Estágio Supervisionado na UEA compõe os componentes curriculares do curso elaborados com base na Resolução CNE/CP N° 1, de 15/05/2006. Atualmente o Estágio Supervisionado atende à Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006, com a Resolução do CNE/CP N° 02, de 01 de julho de 2015 e a Resolução N° 14/2019, CONSUNIV/UEA. O estágio configura-se como uma das etapas primordiais onde o professor-pedagogo em formação tem a oportunidade do contato e experiência com a sua área de atuação que influencia na construção da sua identidade docente. Os aportes teóricos que dialogaram com a pesquisa foram Pimenta e Lima (2017), Pimenta, Pinto e Severo (2021), Nóvoa (2022), Passegi, Souza e Vicentini (2011) Souza e Meireles (2018), Araújo e Martins (2020), Goodson (2019). A pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo da construção da identidade docente do Curso de Pedagogia da UEA, no estágio supervisionado em tempos de pandemia. A metodologia se estrutura como uma pesquisa qualitativa em educação, desenvolvida a partir do método narrativo, fundamentados nos relatórios do estágio supervisionado, cadernos de campo e vivências pedagógicas. Vivenciamos o estágio supervisionado em 3 (três) etapas distintas: a primeira sendo as aulas e a participação na escola, que foram realizadas através do projeto “Eba! Vamos brincar!”, este projeto foi realizado por meio de uma parceria entre a Prefeitura de Manaus e o Governo do Estado do Amazonas divulgado em plataforma digitais e através da TV aberta; a segunda no formato remoto, na qual a participação na escola deu-se através da observação e intervenção no grupo de *WhatsApp* formado por professores e alunos; e a terceira e última, que foi realizada de forma presencial na escola. Os resultados apontaram que o Estágio Supervisionado teve influências significativas no processo de construção do professor-pedagogo em formação, influências essas que perduram até os atuais e implicaram em sua atuação profissional.

**Palavras-chave:** estágio supervisionado; narrativa formativa; identidade docente; pedagogia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I – O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PEDAGOGIA E O CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID -19 .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. O estágio como campo de conhecimento.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 O estágio supervisionado e a construção da identidade docente .....</b>	<b>15</b>
<b>1.3 A (des)configuração do estágio na pandemia.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO II – VIVÊNCIAS DA DOCÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PANDEMIA DA COVID-19.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Vivências do Estágio Supervisionado I no Ensino Remoto .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Vivências do Estágio Supervisionado II no Ensino Híbrido.....</b>	<b>47</b>
<b>2.3 Vivências do Estágio Supervisionado III presencial/ pós pandemia.....</b>	<b>62</b>
<b>2.4 Ressignificação da minha identidade docente.....</b>	<b>68</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

É notório que os acadêmicos de licenciatura de Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil precisam realizar estágios supervisionados compostos em sua proposta curricular de ensino, com a finalidade de exercer as suas primeiras práticas pedagógicas no âmbito escolar auxiliando também para a sua construção de identidade docente.

Assim, o estágio é um processo importante de aprendizagem, isto é, é a experiência do exercício profissional. Através do estágio, o acadêmico do curso de pedagogia, o professor-pedagogo em formação, tem a oportunidade de estar em contato com a realidade concreta da escola, culturas, indivíduos que ali frequentam; observando como é orquestrado a dinâmica escolar, no que se refere as práticas sociais, pedagógicas e de ensino.

No que se refere as propostas dos direcionados do curso de pedagogia, que implicarão nos estágios; Pimenta, Pinto e Severo afirmam que:

Diferentemente da ideia prescritiva de um roteiro preestabelecido para ação do(a) educador(a), o que se propõe é que as atividades curriculares do curso de Pedagogia direcionem o(a) futuro pedagogo(a) a observar um contexto de atuação profissional, de modo que compreenda os elementos que explicam a especificidade dessa determinada situação educacional, de modo a ampliar a leitura dessa situação por meio de um exercício analítico propiciado pelas teorias educacionais e pedagógicas. (PIMENTA, PINTO E SEVERO, 2021, p.52)

Em outras palavras, o que se objetiva no curso de pedagogia, é que os profissionais professores e pedagogos em formação, conheçam a realidade da profissão que os permeiam, e tenham um olhar observador sobre o seu exercício docente, situação educacional em que os seus educandos estão inseridos e que sejam agentes transformadores e cientes de seu compromisso com o campo educativo.

Dentro do curso de Licenciatura em pedagogia, o Estágio Supervisionado possui os componentes curriculares do curso elaborados com base nas Resoluções CNE/CP N° 1, de 15/05/2006, Resolução do CNE/CP N° 02, de 01 de julho de 2015 e a Resolução N° 14/2019.

No curso de Pedagogia da UEA, o estágio é realizado em três etapas: o Estágio supervisionado I, que está relacionado à docência e a gestão escolar na Educação Infantil; o Estágio supervisionado II, refere-se planejamento da prática pedagógica nos iniciais do Ensino Fundamental (formação básica); o Estágio III, por sua vez, está ligado às teorias da gestão educacional e escolar aplicadas às diferentes modalidades e níveis de educação; articulação entre a ação educativa e a gestão escolar democrática.

Estudos de Oliveira e Gonzaga (2012) revelaram que a experiência do estágio com pesquisa possibilita articulações entre o que foi dito pelos professores em sala de aula, durante o processo de formação, com o que os professores, que atuam na docência, fazem no cotidiano das escolas, indicando se tratar de um momento de aprendizado de como é possível ser professor pesquisador, na articulação entre teoria e prática. Assim, aprende-se com a experiência, que tem como objeto de estudo o estágio com pesquisa.

Ademais, devemos levar em conta que a prática docente é uma prática educativa, configurando-se como uma forma de intervir na realidade social de cada educando. Não subestimando o estágio supervisionado como a única forma, mas a sua realização é primordial e auxiliam também na construção de identidade docente e no exercício da cidadania.

Visto sua importância, muitos licenciandos antes mesmo dos estágios curriculares supervisionado chegarem; já iniciam como atuantes na docência com os chamados “estágios remunerados”.

Assim como o estágio supervisionado, o estágio “remunerado” permite que o professor ainda em formação consiga desenvolver ao máximo suas competências e habilidades teórico-práticas; que observe, questione, e dialogue a fim de conseguir estabelecer uma linha tênue com a sua futura profissão e contribuir com o meio educativo.

Retomando, quando iniciamos o Estágio supervisionado I no primeiro semestre de 2020, não conseguimos prosseguir da maneira esperada, pois, em todo o mundo, os sistemas educacionais de todos os níveis foram afetados pela Pandemia do Coronavírus SARS-COV2. Em mais de 150 países, a Pandemia produziu o fechamento generalizado de instituições superiores, como escolas, faculdades e universidades (UNESCO,2020a).

Dessa forma, devido ao alto índice de contaminação e risco à vida pela covid-19, que estava a se alastrar, no Amazonas, o governo emitiu o Decreto N.º 42.087, de 19 de março de 2020 que “dispõe sobre a suspensão das aulas da rede pública estadual de ensino, em todos os municípios do Estado do Amazonas”:

CONSIDERANDO a necessidade de resguardar o interesse da coletividade, na prevenção e no contágio do coronavírus, DECRETA: Art. 1.º Sem prejuízo de todas as determinações constantes dos Decretos n.º 42.061, de 16 de março de 2020, 42.063, de 17 de março de 2020 e 42.085, de 18 de março de 2020, ficam suspensas, pelo prazo de 15 (quinze) dias:

I - as aulas, no âmbito da rede estadual pública de ensino em todos os Municípios do Estado, integrada pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto, bem como do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas e da Universidade do Estado do Amazonas. (AMAZONAS, 2020.)

Posteriormente, o Reitor da época, Cleinaldo Almeida Costa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em conjunto com a Fundação de Vigilância em Saúde (FVS) e o Governo

do Estado, após dialogarem, decidiram por suspender as atividades acadêmicas, paralisando todo o processo presencial da disciplina de estágio supervisionado I, por meio da Portaria Nº 0228/2020 – GR/UEA.

Assim, acatando a portaria disposta e preservando nossa saúde, bem como de nossos pares, o estágio supervisionado aconteceu de forma remota. De acordo com Charczuk (2020) com relação ao ensino remoto:

O ensino remoto não pode ser considerado uma modalidade educativa, mas, sim, uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos. (CHARCZUK, 2020, p.4-5)

Com isso, para que as consequências não fossem ainda maiores, todos os educadores precisaram aprender de maneira repentina e abrupta a utilizar plataformas digitais para ministrar aulas, criar estratégias para acompanhar cada aluno e adaptar suas práticas para aquela realidade posta.

Contudo, um outro grupo também foi prejudicado e de certa forma, negligenciados, os professores em formação inicial, que assim como os demais professores, também precisaram adequar-se a este novo modo de ensino, bem como realizar os estágios de forma remota também.

Com isso, os professores-pedagogos em formação, não tiveram a oportunidade de vivenciar o estágio em sua maneira integral, e acabam de certa forma perdendo a oportunidade que o estágio oportuniza de os auxiliarem no seu processo de construção de identidade docente.

Com relação ao estágio e o processo de identidade dos professores, Araújo e Martins, enfatizam:

[...] O estágio supervisionado é, em especial, o ponto de referência e convergência do currículo dos cursos de licenciatura porque, atrelado à pesquisa e aos demais componentes curriculares, é, acima de tudo, práxis que contribui e fomenta a construção da identidade docente dos futuros professores. (ARAÚJO e MARTINS, 2020, p.191)

Goodson (2019) também aponta sobre esse processo de desenvolvimento docente. O autor enfatiza que:

Precisamos ouvir atentamente a voz do professor. Precisamos reforçar, quase obsessivamente, esse ato de ouvir. Assim, sentimos que a melhor maneira para desenvolver modelos sensíveis de desenvolvimento profissional é, a princípio, ouvir os profissionais aos quais esse desenvolvimento se destina. (GOODSON, 2019, p.6)

Os autores compreendem o estágio como um processo em que os futuros professores conhecerão a realidade escolar e os que nela frequentam e consigam sentir-se parte dela através

de suas vivências, conquistando seu espaço; tendo vez e sua voz ouvidas, para que esse percurso também os ajude e auxilie em sua identidade docente.

Ademais, atividades como os estágios supervisionados foram inviabilizados pelo isolamento social, e pela falta de políticas públicas educacionais que não foram criadas assim que a Pandemia começou a disseminar-se mundialmente.

A realidade imposta, trouxeram-me inquietações e reflexões do momento atual, dos quais é importante pensarmos quais são os profissionais que a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) está formando, quem são esses futuros docentes que estão em construção em meio a um contexto pandêmico e quais são os seus maiores desafios e entraves que norteiam e ajudam na construção. Diante do exposto, podemos perguntar: Como o estágio curricular supervisionado no contexto da pandemia influenciou na construção da identidade docente do curso de pedagogia da UEA?

As questões que nortearam o trabalho foram: como o estágio promove a construção da identidade docente?; b) as vivências didático-pedagógicas do estágio supervisionado no cenário da pandemia apontam quais perspectivas configurações da docência?; c) quais foram as influências da realização do estágio supervisionado na pandemia e suas contribuições para a construção da identidade docente?

A pesquisa tem com objetivo geral compreender o processo da construção da identidade docente do Curso de Pedagogia da UEA, no estágio supervisionado em tempos de pandemia. Como objetivos específicos em conhecer elementos construtores da identidade docente evidenciados nos estágios supervisionados do curso de pedagogia; discutir as práticas pedagógicas do estágio supervisionado no contexto da pandemia da covid-19 e suas relações com as dimensões da docência; e analisar o desenvolvimento da realização do estágio supervisionado na pandemia e suas influências na construção da identidade docente.

Como dito, não subestimamos o estágio como o único suporte, mas compreendemos a sua relevância para o processo de formação e construção de identidade docente, sobretudo, dos futuros professores-pedagogos que atuarão no campo educativo.

Sabemos que se torna imprescindível que o professor-pedagogo vivencie experiências dentro do contexto da realidade escolar, tendo contato diretamente com os educandos que nela frequentam; bem como com os professores. Para que possam observar, refletir, questionar, intervir naquela realidade; colaborando e realizando significativamente o seu papel assumido na sociedade.

Além disso, sabendo também que o contato direto com a sua área de atuação, atrelado com as suas experiências de vida em outros lugares e com outras pessoas, auxiliam no processo de constituir a sua identidade. Identidade essa que se configura um processo inesgotável.

Entretanto, com a vinda de uma pandemia que assolou o país e nos distanciou fisicamente do contato com chão da escola, bem como com os alunos e a interação entre todos(as); sabemos que essa realidade atípica influenciou diretamente na realidade e formação de cada docente em formação; e precisamos conhecer, refletir, analisar quais foram essas influências e como isso interfere no seu campo de formação.

Dessa forma, surgiu o interesse da professora em formação em questão de compreender esses processos e influências da pandemia no estágio supervisionado na construção de identidade docente.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a abordagem qualitativa desenvolvida por meio do método narrativo, construído a partir das experiências contidas nos cadernos de campo, relatórios de estágio e experiências de vida desta professora em formação durante o estágio supervisionado.

A pesquisa narrativa tem se expandido cada vez mais no Brasil, e ganhado adeptos que assim como a professora em formação em questão, compreende a importância do ato de narrar, vivenciar através da escrita mais uma vez os seus percursos, as suas influências na construção de sua identidade docente, e como implicam no seu fazer pedagógico.

Sobre o método narrativo, Passegi, Souza e Vicentini (2011) afirmam que:

Esses trabalhos, baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional entre as quais: as razões de escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção de identidade docente, e as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais. (PASSEGI, SOUZA e VICENTINI, 2011, p.370)

Passegi, Souza e Vicentini (2011) ainda enfatizam:

[...] Não se trata de encontrar nas escritas de si uma "verdade" preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados mediante o processo de biografização. (PASSEGI, SOUZA e VICENTINI, 2011, p.371)

Logo, narrar é uma forma de compreendermos a nossa trajetória, nossas escolhas e as – não – escolhas também. Narrar é um exercício de se autoconhecer em seus aspectos pessoais, profissionais e afetivos. Tendo em vista que em nosso processo de construção de identidade

docente, todos esses aspectos caminham junto e influenciam sobre nossa identidade para a profissão, e para a vida.

O trabalho formativo centrado na documentação narrativa parte da ideia geral de que são os docentes narradores de suas próprias histórias e experiências pedagógicas e profissionais, mediante a coparticipação entre pares, implicando uma estratégia de investigação–formação–ação vinculada ao desenvolvimento profissional docente e aos saberes pedagógicos centrados na experiências escolares, contribuindo para a redefinição de políticas públicas de formação, do currículo, da avaliação e da própria formação, face ao modo como os docentes narram, escrevem, socializam, reescrevem e publicam suas experiências narrativas, no contexto da vida – formação – profissão. (SOUZA, MEIRELES, 2018, p. 298)

Dessa forma, o trabalho foi estruturado em dois capítulos. O primeiro discute o estágio como um campo de conhecimento e a sua importância enquanto experiência e atuação no campo profissional do professor em formação; reflexões sobre essa etapa ser constituída como uma das que auxiliam na construção na formação do professor-pedagogo e na construção de identidade docente; e o contexto pandêmico que assolou o país, principalmente no que se refere à educação, e como isso se deu ao longo do ensino.

No segundo capítulo serão apresentadas as narrativas vividas pela professora-pedagoga em questão em suas vivências nos estágios supervisionados I, II e III realizados de forma remota. Suas experiências, sentimentos, sensações, anseios, incertezas, inseguranças, desafios, momentos de reflexões e aprendizado; e sua ressignificação da construção de identidade docente com base no que foi vivido; bem como sua bagagem e história de vida que também influenciaram na construção da identidade.

## **CAPÍTULO I – O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PEDAGOGIA E O CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID -19**

### **1.1. O estágio como campo de conhecimento**

Ao iniciar afirmando que o estágio é um campo de conhecimento, preciso deixar bem claro, inicialmente, que deve ser ou pelo menos deveria, um campo de conhecimento não somente do acadêmico que vivencia essa etapa, mas de quem supervisiona, acompanha, observa e também de quem muitas vezes não compreende e critica.

Lendo e refletindo sobre as concepções de estágio de Pimenta e Lima (2017), afirmam que:

A prática educativa (institucional) é um traço cultural compartilhado que possui relações com o que acontece em outro âmbito da sociedade e de suas instituições. Portanto, no estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros docentes compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional. (PIMENTA e LIMA, 2017 p.35)

Nesse sentido, o estágio deve possibilitar ao futuro professor-pedagogo as experiências das práticas educacionais, que consiga observar, refletir e questionar os cenários que ocorrem diariamente nas escolas. O que acontece do portão para dentro; quem são os alunos, quem são os educadores que ali estão, quais são as suas posições diante da realidade que presenciam e vivem diariamente.

Assim, me arrisco a dizer que a experiência do acadêmico(a) durante o percurso do estágio deve ser um momento em que devemos deixar emergir todas as nossas ideias, pensamentos; nossa vontade de querer estar ali não pela obrigatoriedade de cumprir uma carga horária exigida pela universidade, mas sim pelo desejo de fazer educação, de sentir a realidade cada indivíduo que frequenta a escola. Se permitir desconstruir, deixar que cada acontecimento, sensações te permitam a ser quem você deseja ser. Ser educador, é, sobretudo, se permitir.

Adentrar o espaço escolar é, portanto, vivenciar o ato educativo da forma como ele realmente é, é enfrentar uma realidade muitas vezes não explorada pela grade curricular do curso de pedagogia, pois ainda há uma visão de que o estágio é apenas o momento de colocar em prática os conteúdos disciplinares estudados, porém geralmente estão desconexos com a realidade escolar.

[...] Os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, nem sequer se pode denomina-las, teorias, pois são apenas saberes disciplinares em cursos de formação, que em geral estão completamente

desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos. (PIMENTA, LIMA, 2012, p.33).

Se ficarmos preso a esta visão do estágio como prática conteudista e não como campo de conhecimento, estaremos apenas reproduzindo a ideia de que o papel docente é formar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho como diz Tardif e Lessard (2009, p. 17), fortalecendo assim, o pensamento que o ensino e a aprendizagem não têm importância.

Tal pensamento tonifica uma visão engessada da realidade escolar, pois aprendemos a tolerar as desigualdades sociais que presenciamos todos os dias no chão da escola, aprendemos a tolerar o preconceito e as formas de dominação impostas pela sociedade que adentram a sala de aula. O estagiário não é diferente daqueles que ali todos os dias trabalham, ele faz parte dos profissionais que atuam na escola e se ele não estiver preparado teoricamente também será levado a não questionar a realidade em que a escola se encontra.

Tecer os fios que nos leva a compreensão que o estágio supervisionado é um campo de conhecimento é nos libertar desse sistema educacional que há anos vem se perpetuando em nossa história sem que houvesse mudanças. Portanto,

Devemos ser capazes de construir uma proposta transformadora, a partir das múltiplas realidades e experiências já existentes em todo o mundo, promovendo assim um processo de metamorfose. O que está em causa é o modelo escolar, tal como se organizou nos últimos 150 anos, e não a escola, instituição central para as sociedades do século XXI, pela capacidade de conduzir todos os alunos às aprendizagens, mas também pelo seu papel na construção de uma vida em comum. (NÓVOA, 2022, p.14-15).

Precisamos questionar e transformar os modos e métodos de como estamos construindo a escola, pois percebe-se que estamos apenas reproduzindo e imitando os modelos antigos, visto que a educação já não cabe neste formato escolar e não serve para educar as crianças do século XXI, conforme declara Nóvoa (2022, p.15). Este caminho será possível quando rompermos com essa visão do estágio apenas como uma disciplina curricular para cumprir uma carga horária obrigatória, transformando-o como um campo que produz conhecimento necessário para a transformação da realidade social.

Nóvoa e Alvim (2021) afirmam que “a educação não serve para nos fecharmos no que “já somos”, serve para aprendermos a começar o que “ainda não somos” (p.7). Sendo assim, esse pensamento também faz parte quando o autor ressalta para repensarmos e questionar o modo que estamos construindo a escola, e também como nos construindo, porque também fazemos parte dela, nós também somos a escola.

Somos seres inacabados, como diz Paulo Freire (1992), nunca teremos todas as respostas, nunca saberemos de tudo ou seremos tudo. Estamos em constante evolução, sempre

em busca de aprendermos algo novo. Aprender com os exemplos, sermos melhores através deles e lutar em busca para uma transformação social.

Agora, indo mais a fundo em relação a pedagogia em sua essência, sendo um objeto de crítica sobre suas especificidades curriculares que também influenciam intrinsecamente nos estágios supervisionados, Pimenta, Pinto e Severo (2021) afirmam que:

[...] A licenciatura em pedagogia é objeto de críticas sobre a ausência de especificidades curriculares no tratamento da educação como fenômeno muito mais amplo do que a docência nesses níveis iniciais de escolarização. Essas críticas denunciam o apagamento de temas que, embora articulados ao eixo da formação docente, se vinculam a um espectro mais amplo de processos que transcendem o agir docente em sala de aula, tanto na escola quanto em outros espaços educativos não escolares. Contemplar tais processos na formulação e no desenvolvimento curricular da formação inicial de pedagogo(as) exige uma ruptura de compreensão do que constitui a Pedagogia como campo de conhecimento, deslocando-a do sentido de tecnologia da ação docente para o sentido de ciência da educação. (PIMENTA, PINTO E SEVERO, 2021, p.41)

Nesse sentido, deve haver durante a graduação disciplinas, estratégias em que também seja ressaltado e explorado a importância do “ser pedagogo”, de reafirmar que também podemos atuar nessa área; que nossa formação vai além da docência, além do quadro, do giz da sala de aula, até mesmo nos estágios, pois nossos estágios supervisionados vão além da docência.

Muitas vezes (me incluo nisso) me sinto muito mais professora do que pedagoga; para falar a verdade, até esqueço que sou pedagoga também. Será um erro meu não me sentir dessa forma? Da universidade? Senão, de quem?

## **1.2 O estágio supervisionado e a construção da identidade docente**

A construção da identidade de professores envolve um processo biográfico e relacional, que se articulam e são definidos como pontos-chaves desse processo. Neste âmbito, compreendendo a importância das influências sociais na constituição da identidade profissional, consideramos a experiência vivenciada no estágio supervisionado como fase primordial na trajetória formativa da identidade docente. (FERREIRA, FERRAZ, 2021, p.302)

O estágio supervisionado constitui-se como uma das etapas fundamentais na construção de identidade docente do Professor-pedagogo. Tenho, em minhas memórias, e levo comigo para a minha área de atuação, ensinamentos, experiências, exemplos, ideias, falas e atitudes de muitos educadores a quem acompanhei no meu percurso formativo.

Em relação ao estágio e à ideia dicotômica desse processo, Milanesi et al. (2008) afirma que:

Numa concepção dicotômica, o Estágio é compreendido por um número expressivo de estudantes da licenciatura como o momento de confrontação da parte teórica do curso com a prática de ensino. Nesse sentido, depositam uma grande expectativa no Estágio, principalmente no que diz respeito à aquisição de experiência (MILANESI et al., 2008, p. 130).

De fato, o estágio é visto por nós, futuros professores, como uma maneira de adquirir experiência. Pois, durante a graduação, não são todos os futuros profissionais que conseguem a oportunidade de estar inserido desde cedo em um ambiente educacional de ensino; e, com isso, aguardam pelo Estágio curricular, onde a participação de todos os acadêmicos torna-se obrigatória.

Todavia, sabemos da ideia insistente e dicotômica em relação aos estágios, quando dizem que no momento do estágio é que “vamos para a prática”, ideia essa que muitos professores(as) em formação levam à risca durante o processo. O estágio permite adentrarmos ao mundo de muitos educadores e educandos e conhecermos a sua realidade, o que contribui com a nossa construção de identidade e nos faz crescer, mas em momento algum nos desprendemos da teoria. Teoria e prática andam entrelaçadas antes, durante e depois em nosso processo de formação.

Ainda sobre o estágio enquanto lugar de prática, Carvalho, Grando e Bittar et al. (2008) ressalta que:

Diferentemente do que pensam alguns professores, o Estágio enquanto lugar da prática por excelência, também é o espaço em que se efetiva a fundamentação teórica, uma vez que nenhuma atividade prática pode ser desprovida do antecipar, prever do refletir, do pensar, do abstrair. A fundamentação teórica também ocorre nesse período de Estágio, ela é importante e valorizada pelos estagiários (CARVALHO, GRANDO E BITTAR 2008, p. 134).

Não há prática sem teoria e isso deve ser claro não somente por parte dos professores em formação, como também dos profissionais da educação em geral; sabendo, assim, que dar aula não é somente entrar na sala e ensinar “qualquer coisa”. Ensinar, sobretudo, exige planejamento, estratégias, formação continuada, reflexão constante sobre a prática e principalmente um olhar atento sobre cada educando que adentra diariamente em sua sala de aula, tendo a ciência de que a sala de aula é um ambiente pluralizado e isso deve ser levado em consideração pelo profissional.

Assim sendo, no estágio docente tem-se, como princípio, aprender a profissão docente na sua complexidade e dinamicidade; construir a identidade profissional; dotar o educando de instrumentos teóricos e metodológicos para compreender a escola e o preparar para as suas demandas, reafirmar as escolhas profissionais e crescer na formação (VENTORIM, 2010, p. 2).

Logo, estar na escola, conhecer a realidade do ensino, conviver e compartilhar histórias de vida faz com que, dia após dia, o professor em formação construa as suas identidades(s). Identidades no plural, pois, se tratando de professores, assumimos dentro da nossa realidade de ensino identidades, funções, falas, ações que possam sempre contribuir com o ensino e realidade de cada aluno.

Em consonância com Ventrone (2010), Araújo e Martins (2020) relatam que o

estágio tem o papel de provocar, suscitar a reflexão-crítica e oferecer aos estudantes as condições teórico metodológicas para que se tornem senhores das suas práticas e formação, construtores da sua identidade profissional e conscientes do compromisso político da docência na sociedade de modo global (ARAÚJO; MARTINS, 2020, p. 193).

Sobre a formação dos professores e o estágio, Araújo e Martins (2020) ainda ressaltam:

A formação de professores, por isso, não é um processo que acontece de modo alheio à realidade social, política e cultural real. Em uma mesma perspectiva, a ação docente não pode ficar restrita ao contexto escolar, presa a uma espécie de vai e vem entre diagnósticos, planejamento e ação, mas deve se envolver politicamente na realidade existencial visando transformá-la (ARAÚJO; MARTINS, 2020, p. 193).

Dentro dessa ideia, notamos o quanto o processo da construção de identidade docente é extenso e não ocorre alheio à realidade que passamos a vivenciar dentro das escolas. Nossa construção é contínua e se dá em cada passo que damos antes, durante e após o nosso processo de estágio. A construção é contínua e acontece todos os dias de uma forma diferente.

Além disso, sobre o modo em que se constitui a identidade, Ferreira e Ferraz (2021) enfatizam que:

A identidade se constitui num processo de formação que envolve a formação Inicial e continuada um duplo processo: a formação institucional, que se dá nos bancos escolares /institucionais através dos cursos de formação; e autoformação, que se dá ao longo da vida através das experiências profissionais, dos saberes e da prática pedagógica. (FERREIRA, FERRAZ, 2021, p.308)

Logo, a identidade docente cresce conosco e perduram mesmo depois da formação. Construir nossa identidade não significa dizer que em algum momento ela estará “completa” e terá fim. Muito pelo contrário, o construir identidade, implica em exatamente você, professor-pedagogo em formação, ter a consciência que essa identidade tende a crescer, ampliar, modificar, (re)construir a medida em que você vai vivendo, adquirindo experiência, conhecendo-se cada vez mais, como conhecendo outros indivíduos também.

Logo, digo e afirmo que não subestimo o estágio supervisionado como o único elemento construtor da identidade docente; mas sim que esse processo nos ajuda, auxilia e nos dão pistas sobre nossa profissão, permitindo que possamos conhecer as realidades imbricadas

dentro dos contextos escolares, que conseqüentemente influenciam em nosso processo de identidade docente.

Ademais, sobre a perspectiva do desenvolvimento docente, Goodson (2019) salienta:

Nosso conceito de desenvolvimento docente é enraizado tanto no pessoal quanto no profissional. Consideramos os professores como pessoas e profissionais cujas vidas e cujo trabalho são moldados por condições dentro e fora da escola. Eventos e experiências, tanto do passado quanto do presente, que acontecem em casa, na escola e na esfera social mais ampla, ajudam a dar forma às vidas e carreiras dos professores. O modo como os professores constroem as suas realidades profissionais e a forma como levam as suas vidas nas salas de aula são um contínuo processo de interpretação pessoal e contextual. (GOODSON, 2019, p.148)

Dentro desse contexto, podemos dizer que somos resultados, somos resultados de que tudo que vivemos, passamos, ouvimos, andamos. Nossas influências pessoais também nos influenciam no que somos hoje; pessoas as quais passaram por nossa vida e tiveram falas e atitudes conosco e isso se deu por internalizado, também nos constituem como profissionais, implicam diretamente em nosso fazeres dentro da escola.

Recordo-me em que há aproximadamente 2 anos, quando fui realizar uma pesquisa de campo junto ao meu grupo, visitamos uma escola, onde tivemos um acolhimento especial por parte da equipe pedagógica e saímos encantados pela receptividade e respeito para conosco. Diante dessa memória, sempre que converso com meu grupo da época, verbalizamos o quanto queremos ser como aqueles profissionais que nos receberam, atendendo e dando suporte necessário; para quem precisar e nos pedir auxílio.

No final de tudo, percebemos que para o nosso desenvolvimento como profissionais, principalmente no que se refere ser professor-pedagogo, implica também que observemos para além da docência, além da sala de aula. Somos professores e pedagogos, ambas profissões não se dissociam, e sim, complementam-se. E por conta disso que devemos explorar para além do que vemos, entender o contexto muito mais profundo da sala de aula, da educação, dos nossos educandos e das suas famílias é o que também nos constituem e nos fazem profissionais macros.

Dessa forma, Goodson (2019) aborda essa questão; para o autor “ Quando, no âmbito do desenvolvimento profissional, as fronteiras da comunidade profissional de um professor são ampliadas para abranger o contexto completo do espaço de trabalho e a atenção é colocada nas realidades micropolíticas e contextuais da vida escolar, parece-nos que os professores têm mais chances de se tornarem realmente empoderados [...] desenvolvimento docente, no sentido mais amplo, depende de os professores terem acesso ao conhecimento profissional, para além do pessoal, do prático e do pedagógico” (p.172)

Além disso, Pimenta, Pinto e Severo (2021) afirmam ainda que, durante o estágio, além do cenário da sala de aula, essa etapa deve ser um processo que contemple outros âmbitos profissionais de educação, que também ajuda na construção de identidade docente, tendo uma orientação específica para sua realização. Logo:

Igualmente, deve ser orientado por uma política consistente que fomente relações colaborativas entre instituições formadoras e campo de estágio como um claro programa de compromissos mútuos e corresponsabilidades na definição de diretrizes e de formas de acompanhamento do plano de atividades de estudantes, professores(as) formadores(as) e profissionais (PIMENTA; PINTO; SEVERO, 2021, p. 65).

A construção de identidade docente acontece nas entrelinhas, nos detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos pelos outros, mas não para nós, professores em formação; o campo de estágio, os professores supervisores na escola, os demais funcionários, a maneira como somos vistos e tratados; todos esses fatores, influenciam e implicam positivamente ou muitas vezes – negativamente – também.

Ademais, Araújo e Martins (2020, p.196) afirmam a ideia de o estágio e a identidade docente se entrecruzarem. Os autores discutem que:

Estágio e identidade docente se entrecruzam. Não podemos desvincular a identidade docente da história de vida, trajetória de formação atuação profissional do professor. Diríamos, portanto, que a identidade docente é uma múltipla e autêntica teia de história construída e partilhada de modo a legitimar uma identidade pessoal e profissional própria. Pensar o estágio dos professores é assegurar à identidade um lugar importante, de construção, reconstrução e de rememoração da história, e, acima de tudo, de humanização dessa mesma identidade conforme o compromisso da profissão docente com a construção contínua da humanidade.

Nossa construção de identidade docente começa quando relembrando os jeitos, falas, ações de professores com quem estudamos um dia; daquele educador que estendeu à mão quando você mais precisou ou quando aquela educadora notou em você algo que ninguém até então havia notado. Vivemos e sobrevivemos com memórias, sejam boas ou não, mas são sempre memórias.

Dessa forma, essas lembranças, consciente ou inconscientemente, influenciam a forma de você enxergar o mundo, de querer repetir (ou não), com os nossos futuros alunos, ações que um dia repetiram conosco. Assim, ao chegarmos na etapa do estágio, consolidamos essas lembranças, bem como também damos espaços para as outras que estão chegando. A construção de identidade perpassa por estes caminhos, transitando por nossa formação diariamente; a construção de identidade tampouco se esgota.

### 1.3 A (des)configuração do estágio na pandemia

Ao final do ano de 2019, entramos em sinal de alerta sanitário em decorrência da descoberta de um novo vírus, cuja incidência inicial ocorreu na cidade de Wuhan, na China. Tal vírus, nomeado Covid-19, rapidamente se espalhou pela Europa e o aparecimento de novos casos no Brasil sucedeu, de forma mais prevalente, a partir do mês de março de 2020, causando impacto por seu grande poder de transmissão e pela elevada taxa de mortalidade. (Charczuk, 2020, p.2)

Uma crise sanitária que nos pegou de surpresa, sem que estivéssemos minimamente preparados em termos financeiros, psicológicos, emocionais e educacionais. Fez com que nos reinventássemos, no que se refere ao âmbito educacional principalmente. Digo que o reinventar aconteceu de forma abrupta, com pressa e por vezes com muita dor.

A pandemia da covid-19 desafiou a existência humana em sociedade com adoção de novas atitudes no campo da convivência social, com medidas de prevenção da doença pelos indivíduos, grupos e comunidades envolvendo um amplo processo de sensibilização social e de conscientização coletiva, que produziu em curto espaço de tempo, profundas implicações educacionais que demandou a reorganização do processo de trabalho na escola evidenciando práticas pedagógicas com metodologias e tecnologias da comunicação e da informação que desafiaram as rotinas do trabalho de professores, alunos e gestores, criando uma nova dinâmica no cotidiano escolar, sobretudo, nas práticas pedagógicas dos professores e no aprendizado dos estudantes. (CAMPOS, PAIVA, 2021)

Com relação a questão da educação, foi preciso adotar uma nova estratégia de ensino, adaptar as aulas, as atividades, a interação (se assim podemos chamar), e nosso novo jeito – sem jeito – de enfrentar essa nova realidade. No que se refere aos novos espaços de ensino, (Charczuk 2020) afirma:

No que diz respeito, mais especificamente, aos modos de sustentar espaços para o ensino, a aprendizagem e o exercício da docência nesse contexto, uma estratégia que se disseminou no país foi a adoção de recursos remotos, principalmente o uso da internet, a fim de possibilitar aos professores dos diversos níveis de ensino o envio e compartilhamento de materiais didáticos e atividades com os alunos. (CHARCZUK, 2020, p.2)

Visto o momento que enfrentávamos, adotamos como novo modo de dar aulas o – ensino remoto – que naquele momento configurava-se como uma terceira via e única viável para que não “perdêssemos o ano letivo”. Por muitas vezes ouvi e ainda ouço exatamente essa expressão colocada em aspas e talvez ainda não tenha compreendido com clareza. Foi adotado

uma medida para que o calendário escolar não fosse perdido. De fato, em parte não se perdeu, mas o que ganhamos?

Nóvoa e Alvim (2021) destacam uma afirmação que me faz pensar e refletir sobre toda a situação em que fomos acometidos em que “A educação precisa da calma do tempo, com movimento”. De certo, a educação precisa acontecer com calma, dia após dia, na medida em que o educando se conhece e reconhece dentro do campo educativo; e na medida também em que o educador se enxerga e tem o compromisso do seu papel na sociedade.

Todas essas questões requerem calma, mas sempre em movimento, em constante evolução. Todavia, como exercer essa calma dentro do momento atípico vivenciado? Em que tudo ocorreu depressa sem ao menos termos tempo de pensar, de refletir sobre cada passo e escolha em que realizamos.

O “movimento” ocorreu, sem dúvidas, mas de um modo não esperado, não previsto. Não tenho anseio de logo aqui fechar conclusões; percepções, ainda é cedo. Mas, cabem reflexões para o momento turbulento vivido; que também, sem dúvidas refletem no que somos hoje.

Trago aqui também, a explanação do ensino remoto, que como dito anteriormente foi considerado uma terceira via para que o calendário escolar pudesse – meio ao caos – continuar durante todo o ano. Assim, o tivemos como inserção dentro da educação. O ensino remoto não pode ser considerado uma modalidade educativa, mas, sim, uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos. (Charczuk, 2020, p.5)

Dessa maneira, a autora destaca também:

A demanda emergente da passagem de uma forma de trabalho docente presencial para a oferta do ensino remoto produziu nos professores uma urgência em adaptar os modos de encontro com os alunos e a partilha dos conteúdos didáticos. Nesse sentido, podemos conjecturar que os professores, em um primeiro momento, (pre)ocuparam-se em pensar recursos técnicos (áudio, vídeo, apostilas) que subsidiassem o ensino, fazendo com que o estabelecimento de um outro laço possível com o conhecimento e com os alunos ficasse frágil ou fosse colocado em segundo plano. (CHARCZUK, 2020, p.12)

A afirmação da autora, me trouxeram outras indagações, e que para complementar, por certo, deixarei aqui: vivenciamos a maior reviravolta em contextos educacionais nas últimas décadas, foi necessária uma readequação do ensino e a primeira coisa pensada foi em recursos técnicos que os subsidiasse. Em contrapartida, em nenhum momento foi posto como prioridade repensar em como re(elaborar) estratégias para que os alunos se sentissem parte do processo de

ensino-aprendizagem dele próprio, muito menos pensado em como é fundamental que para o ato de educar significativamente, possamos saber a bagagem de nossos alunos(as), seus conhecimentos prévios e seu modo de ver o mundo. Por isso, volto a reafirmar a contradição em querer salvar o calendário acadêmico escolar. O calendário foi salvo, mas quem salvou os educandos?

Notoriamente sob hipótese alguma culpabilizamos os docentes; muito pelo contrário, professores, alunos(as), professores em formação, gestores, pedagogos, administrativos, auxiliares de serviços gerais, bem como toda a comunidade escolar, foram vítimas dessa situação. Quando falamos na expressão “vítima” coloco como principal foco o professor-pedagogo, que sequer teve tempo de pensar; simplesmente acometidos por demandas que precisou suprir, de novas tecnologia que precisou aprender.

Sobre a limitação das funções do ato de educar, como mencionado, Gonçalves e Guimarães (2020), ressaltam:

O fechamento das escolas públicas limita a realização das funções de educar, mas também as funções de proteção social assumidas pelo Estado, gerando aprofundamento de desigualdades sociais. Pensar a continuidade do funcionamento da escola na modalidade a distância apresenta enormes desafios para a regulação do trabalho docente, a desempenhar-se em condições novas, gerando incertezas e ampliando cargas de trabalho e riscos para a saúde mental desses trabalhadores, com consequências para a socialização e instrução dos estudantes. (GONÇALVES, GUIMARÃES, 2020, p.774)

Dessa forma, fechamento das escolas e adesão do ensino remoto não supriu a demanda e o compromisso que rotineiramente a escola possui e entrega aos alunos(as), muito pelo contrário, como posto pelos autores, escancarou a desigualdade social que já existia, mas com a readequação do ensino, ficou muito mais evidente e conseqüentemente afastou alunos e famílias que já estavam na margem, bem como potencializou o afastamento de muitas outras.

Evidencio aqui, em que nenhum momento me oponho ao fechamento das escolas. Afinal, foi por um bem maior, precisávamos resguardar nossas vidas e de nossos pares. Todavia, minha fala se baseia de forma integral em como não houve por parte do sistema educacional, esse olhar afetuoso, cuidadoso e observador em querer pensar e elaborar estratégias para que esse “calendário escolar” não fosse apenas cumprido por sua obrigatoriedade, mas sim, pensando e lutando por uma aprendizagem significativa.

Além disso, conforme (Charczuk 2020) “[...] é justamente o laço entre professor, aluno e conhecimento que produz efeitos de reconhecimento dos sujeitos e de autoria nos processos de ensino e aprendizagem [...]. p.12

Adicionalmente, O Ministério da Educação (MEC) realizou a publicação da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”.

Logo após o pronunciamento do MEC, no dia 18 de março de 2020 o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público esclarecer no que se referia sobre a reorganização do Calendário Escolar e a respeito da possibilidade do oferecimento de aulas não presenciais.

Sendo assim, esses documentos, auxiliaram na Norma Técnica 001/2020 PROGRAD/UEA, que foi elaborada após o diálogo entre diretores, coordenadores de qualidade, coordenadores de curso e colegiados, dispendo sobre as orientações em relação ao planejamento das atividades acadêmicas.

Ademais, para nos situarmos na situação vivida aqui em nosso estado, ressalto o Decreto n.º 42.087, de 19 de março de 2020 que tratou sobre a suspensão das aulas em todas as redes públicas do Estado do Amazonas, tendo em vista adoção de medidas para evitar a circulação e propagação do vírus no Estado do Amazonas.

E em seguida, o Decreto nº 42.100, de 23 de março de 2020 publicado no DOE de 23.3.2020, Poder Executivo, p.1. Republicado no DOE de 30.3.2020, Poder Executivo, Suplemento, p.1, declara o estado de Calamidade Pública, em razão da grave crise de saúde pública decorrente da pandemia da COVID-19 (novo coronavírus)

Agora em relação a instituição, a Universidade do Estado do Amazonas – UEA, que também estavam com as suas aulas suspensas; após 138 dias as aulas foram retomadas por meio de uma votação ocorrido pelo CONSUNIV da UEA que suspendeu a partir de 17/03/2020 as aulas presenciais de graduação.

Todos esses documentos nos fazem lembrar do que vivemos, dos desafios que nos foram acarretados. No desafio do professor-pedagogo em formação; enquanto no lugar de não somente professora, mas também pedagoga em muitos momentos me vi a flutuar, perdida em meio de decisões, opiniões que implicavam na educação, como também na minha construção de identidade.

Assim, deixei de uma certa forma de vivenciar experiências e realidades dentro das escolas, de fato, para um acompanhamento (será discorrido ao longo das minhas narrativas) remoto das aulas, dos professores no que se refere ao estágio supervisionado. Sempre digo que ter sido uma professora em formação advinda de uma pandemia me trouxe muitos aprendizados, mas também muitas lacunas não preenchidas, incertezas, perguntas não respondidas, como também situações por vezes pensada, mas não concretizada.

Gonçalves e Guimarães (2020) ressaltam que “A mudança nas condições de acesso ao direito à educação para os alunos e a mudança nas condições das práticas docente nas redes públicas de ensino são desafios complexos para os sistemas públicos de ensino e para o trabalhador docente” (p.744). E de fato, esses desafios continuam a ser complexos até nos atuais, em que a situação melhorou significativamente. Assim, ficamos por ter uma nova missão: de todos os dias, estarmos em busca de recuperar o que foi deixado como segundo plano no período da pandemia.

Para todas as dificuldades, obstáculos que tivemos que vivenciar no período da pandemia, Nóvoa (2022) destaca sobre a mudança que deve ocorrer na formação de professores:

Do mesmo modo que a metamorfose da escola implica a criação de um novo ambiente educativo (uma diversidade de espaços, práticas de cooperação e de trabalho em comum, relações próximas entre o estudo, a pesquisa e o conhecimento), também a mudança na formação de professores implica a criação de um novo ambiente para a formação profissional docente. (NÓVOA, 2022, p.62)

Nóvoa (2022) ainda ressalta:

Fazer esta afirmação é reconhecer, de imediato, que os ambientes que existem nas universidades (no caso da formação inicial) ou nas escolas (no caso da formação continuada) não são propícias à formação dos professores no século XXI. Precisamos, pois, de reconstruir estes ambientes, tendo sempre como orientação que o lugar da formação é o lugar da profissão. (NÓVOA, 2022, p.63)

Dentro dessa perspectiva, salienta-se a importância de haver uma reformulação na formação inicial dos professores. Entramos e saímos da academia indivíduos diferentes, em constante evolução e cientes do nosso compromisso com a educação e sociedade. Compromisso de transformar a educação como prática social, de possibilitar que todos(as) nossos educandos tenham acesso, que a educação também propiciada para as minorias dentro do nosso país.

Contudo, por tudo que nos foi acometido, passado nesses últimos 2(dois) anos; vimos, que agora mais do que nunca, precisamos estar preparados(as) para todas as situações que o mundo nos colocar; conseguindo agora, dessa vez, pensar diferente, colocar não somente o calendário escolar como prioridade, bem como pensar nas estratégias de que essa reorganização também tenha como prioridade o ensino-aprendizagem significativo de cada educando(a).

## **CAPÍTULO II – VIVÊNCIAS DA DOCÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PANDEMIA DA COVID-19**

Neste capítulo serão apresentadas as narrativas decorrentes das vivências nos estágios supervisionados I, II e III, procurando refletir e problematizar as experiências na construção de identidade docente.

### **2.1 Vivências do Estágio Supervisionado I no Ensino Remoto**

Pensei em muitas formas de iniciar essa narrativa, pensei e repensei. E trago aqui, inicialmente, Nóvoa e Alvim (2021) com as suas contribuições à respeito da pandemia que nos acarretou situações que jamais imaginávamos passar. Os autores afirmam que:

Em 2020, tudo mudou. Com a pandemia, terminou o longo século escolar, iniciado 150 anos antes. A escola, tal como a conhecíamos, acabou. Começa, agora, uma outra escola. A era digital impôs nas nossas vidas, na economia, na cultura e na sociedade, e também na educação. Nada foi programado. Tudo veio de supetão. Repentinamente. Brutalmente. (NÓVOA; ALVIM, 2021, p. 2).

Na pandemia, conseguimos ver a escola despida, uma realidade como jamais vista. A educação, na verdade. Percebemos que não somos nada, absolutamente nada e totalmente indefesos sem a educação, sem a nossa interação, sem o aconchego da sala de aula.

A docência não existe sem o aluno, o aluno não existe sem o educador. Aulas, professores, alunos, professores em formação; lutando contra a maré, contra infinitas dificuldades que nos impediam de estar na escola, de fazer educação, ser educação, de continuar com a nossa luta diária. E, sem dúvidas, os estágios também entraram nessa.

Em consonância com as lutas travadas que o estágio enfrentou durante a pandemia, o Estágio Supervisionado I, em específico, tem como objetivo proporcionar ao professor em formação vivências no segmento da Educação Infantil nas instituições públicas de ensino de modo que possibilite ao acadêmico vivenciar, observar, refletir e questionar as práticas docente no contexto escolar.

Em se tratando da formação docente na Educação Infantil, Carvalho, Grando e Bittar (2017) indica que:

Uma formação docente adequada permitirá à docente da Educação Infantil propor, participar, refletir, reorganizar, compartilhar com intencionalidade assumida e planejada. A valorização desta etapa passa pelo reconhecimento do trabalho das profissionais, pela continuidade de sua formação, pela consolidação de sua identidade (CARVALHO, GRANDO e BITTAR, 2017, p. 86).

Dessa forma, o papel docente na educação infantil constitui-se como um dos papéis mais importantes dentro da educação, pois é nessa etapa em que as crianças têm o seu primeiro contato, interação com os seus pares; e, também, é o momento em que estão em fase de desenvolvimento, descobertas do mundo a fora. Logo, a equipe docente que trabalha com esse segmento deve estar preparada e receber a formação adequada para atuar com as crianças.

Levando em consideração, também, que o conhecimento adquirido não deve ser somente dentro da academia durante a graduação, mas sim, também, haver formação continuada, para que sempre estejam preparados(as) e conseguindo planejar, compartilhar e auxiliar os pequenos nesse processo inicial de desenvolvimento e, como professor, consolidar a sua identidade profissional dentro da educação.

Ademais, estágio em um contexto geral configura-se a etapa em que o acadêmico se aproxima da profissão que escolheu exercer, ainda na graduação, tendo a oportunidade de estar em uma realidade concreta do âmbito escolar, observando e refletindo como o ensino é organizado e orquestrado diariamente aos educandos.

Sem mais delongas, ao chegar até aqui sem as lágrimas nos olhos também se configura uma etapa, mas diferente de quaisquer outra, essa é a mais difícil. Escrever é reviver cada momento, cada detalhe; é gargalhar de tanta alegria por ter conseguido viver cada detalhe, como também lagrimar nos intervalos de uma risada e outra, de um alívio e outro.

Na verdade, penso que ser educadora seja exatamente isso, um misto de emoções; ter sempre os sentimentos a flor da pele, estar sempre vibrando com cada situação cotidiana, e com os nervos à flor da pele preocupada com outra. Se professor(a) sempre foi e sempre será uma montanha russa sem fim.

A disciplina de Estágio Supervisionado I teve início no primeiro semestre, em março, de 2020. Lembro-me como se fosse ontem: a ansiedade, curiosidade e o medo que dividia junto aos meus colegas sobre essa etapa. Imaginávamos tantos cenários, tantas escolas, mesmo sem saber como seria a dinâmica da disciplina.

Gosto do sabor de ter sentido cada uma dessas sensações, das energias que depositei, das expectativas que eu criei e dos cenários que imaginei; isso, de alguma forma, me faz crer na profissional que estava, dia após dia, nascendo e da que continua a nascer todos os dias.

Assim, no primeiro dia de aula, conhecemos os professores responsáveis pela matéria em questão e, coletivamente, foi elaborado um cronograma para que a nossa chegada na escola fosse realizada da maneira mais organizada possível, oportunizando uma aprendizagem significativa.

Visto que o cronograma e a concordância entre os pares sobre o documento estavam finalizados, foi também pensado e organizado, individualmente, como seriam as nossas idas até a escola. Esse momento foi, inicialmente, pautado por algumas dificuldades, pois muitos dos acadêmicos trabalhavam em horário comercial; logo, conflitava com o horário que era necessário estar no estágio.

Em contrapartida, logo menos todas essas questões foram resolvidas e nossas expectativas e ansiedades voltaram a aflorar; gosto de relembrar cada detalhe desse período que antecedeu uma das maiores reviravoltas em nossa visão e prática docente para refletir quem seríamos nós se tudo isso não tivesse acontecido, quem seriam os professores formados pela Universidade do Estado do Amazonas? É com essa reflexão em forma de pergunta que tomo a certeza de que a docência é um eterno reinventar-se.

Contudo, ao prosseguir com a narrativa da minha vivência do estágio, não consigo, não pelos próximos 2 (dois) parágrafos, contar com uma riqueza de detalhes o que ocorreu quando nós, acadêmicos, e nossos professores recebemos a notícia do que estava acontecendo. Na verdade, costumo dizer que tenho a lembrança vívida de apenas 1 (um) momento: o que eu recebo a notícia, em meu celular, da suspensão até então temporária do estágio.

E com isso, deu-se início a Pandemia do Coronavírus e trouxe uma mudança ao nosso fazer docente, uma nova realidade, como passamos a chamar. Em todo o mundo, os sistemas educacionais de todos os níveis foram afetados pela Pandemia do Coronavírus SARS-COV2. Em mais de 150 países, a Pandemia produziu o fechamento generalizado de instituições superiores, como escolas, faculdades e universidades (UNESCO, 2020a).

Sendo assim, as suspensões das aulas presenciais se faziam necessárias para o cumprimento das medidas de distanciamento entre pessoas, bem como a necessidade de elaborar maneiras alternativas de ensino. Desse modo, foi necessária uma adequação no ensino, trazendo-o para o ensino remoto, que naquele motivo era visto como a forma mais segura de se estudar, sem colocar a saúde em risco, visto a crise sanitária que estava iniciando.

A situação que até então era temporária passou a ser uma realidade decretada. Aqui, já consigo voltar a relatar em detalhes o que foi sentido, pensado e feito e até o que não foi. De modo gradativo, lembro que me senti sendo testada, colocada em uma prova real, sem ter a noção do que poderia acontecer; senti minha energia, força, paixão e fervor pela profissão que escolhi, sendo testados.

Ademais, essa sensação veio com mais intensidade quando nos foi comunicado que nossas aulas, definitivamente, seriam realizadas pela plataforma *Google Meet*. Pois, no dia 16 de março de 2020, o Reitor da época, Cleinaldo de Almeida Costa, fez um pronunciamento na

rede social, no qual declarava que, após dialogar com o Governador do estado do Amazonas, o secretário de saúde do estado, com a Fundação de Vigilância em Saúde e com os professores das disciplinas de doenças infecciosas e parasitárias, a Gestão da Universidade do Estado do Amazonas, no uso de suas atribuições, decidiu paralisar as atividades acadêmicas da UEA a partir do dia 17 de fevereiro de 2020, por tempo indeterminado, suspendendo, assim, as aulas presenciais de toda a instituição.

Fundamentando o parecer dado pelo Reitor Cleinaldo de Almeida Costa da Universidade do Estado do Amazonas, considerando a pandemia do coronavírus, publicou a Portaria N° 0228/2020 – GR/UEA que suspendeu, a partir de 23 de março as atividades administrativas presenciais de atendimento ao público e manteve somente as atividades de atendimento a distância. As atividades de ensino de graduação e pós-graduação continuaram suspensas, não sendo contabilizado como dia letivo qualquer atividade realizada por meio das plataformas digitais.

Posto isso, mais uma vez, volto a ficar anestesiada não conseguindo narrar de forma rica; sinto-me, até os dias atuais, anestesiada por todas as decisões tomadas e as mudanças ocorridas. Nos parágrafos anteriores relatei que a profissão docente é um eterno reinventar-se, mas de modo algum disse que era um processo fácil de ocorrer e narrar.

Ao falar sobre docência até agora, trago Cantoni et al. (2021,), que caracteriza a docência como:

A docência se caracteriza como atividade complexa que desafia os envolvidos para se colocarem como sujeitos em processo de permanente aprendizagem, em que é requerido a disposição para inovação, a indagação, e a investigação sobre seu objeto de ação. Esses aspectos apontam para o que se constitui em um desafio ainda maior para as instituições que têm como objetivo formar professores, pois para desenvolver habilidades, valores e atitudes que norteiam a docência, os acadêmicos, futuros professores, necessitarão perceber-se como permanente aprendiz e pesquisador da docência. (Cantoni et.al, 2021, p.370)

Logo, para ensinar, o docente precisa sempre estar disposto e consciente que a sua aprendizagem deve ser constante. A sala de aula, sobretudo, é um espaço em que dividimos com cada educando em que há universo pluralizado de ideias, diferentes culturas falas e ações. Tendo em vista essa consciência, logo sabemos que sempre há algo novo para se aprender e conhecer.

O compartilhar saberes deve ocorrer de forma mútua, entre educador e educando. O professor deve ter a consciência que a educação humanizada ocorre quando, desde o início, há uma escuta e atenção empática de nossa parte, quando respeitamos o nosso aluno, quando respeitamos os seus saberes e lugar de fala de cada um, e o principal: quando possibilitamos

um espaço em que ele possa se expressar. A relação da docência é um eterno compartilhamento de saberes.

Logo, caminhando mais para a frente, finalmente, chegamos na primeira aula via *Google Meet*. Ao fechar os olhos, lembro-me do sentimento indecifrável sentido naquele momento; absurdamente, bem como agora me veio uma vontade incontrolável de chorar e não entendia o motivo, não estava conseguindo processar o meu lugar, a minha realidade – nova realidade; por alguns longos momentos eu estava tentando entender o motivo de não estar em sala de aula.

A emoção sentida não foi esquecida, aprendi a conviver com ela e a usá-la como uma base fortificante. Ao lembrar, inicialmente, o que senti no primeiro dia de aula, me faz ter a convicção do papel que tenho na sociedade, da importância da profissão em que eu escolhi exercer. Mas, chegar até essa conclusão, decerto, não foi um processo veloz; contrariamente, continuo dia após dia lutando para me reinventar, procurando estar sempre preparada para exercer o ensino em todas as realidades possíveis.

Em contrapartida, cada emoção descrita foi vivida intensidade, quando consegui retomar de modo integral para minha atual realidade, acompanhei as decisões tomadas por nossos professores, ao passo que nos falavam o que foi decidido, conseguíamos sentir o sentimento de incerteza e medo que também pairavam por eles.

A decisão tomada por foi que acompanharíamos o projeto “Aula em Casa”, elaborado por meio de uma parceria entre a Prefeitura de Manaus e o Governo do Estado “para evitar a disseminação do coronavírus nas escolas da rede municipal e estadual do Amazonas utilizando do regime especial de aulas não presenciais”. (SEMED,2020).

De acordo com o site da SEMED, “Aula em Casa” é um projeto elaborado por meio de uma parceria entre a Prefeitura de Manaus e o Governo do Estado, firmado por um Termo de Cooperação Técnica entre a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e a Secretaria Estado de Educação e Desporto (SEDUC). O projeto assegura que os alunos da rede pública municipal e estadual de ensino tenham aulas em casa, em horário determinado na TV aberta, ou por sites e aplicativos, onde também podem interagir e tirar dúvidas. Na rede municipal de ensino, são mais de 46 mil estudantes de 4º e 5º anos beneficiados com a ação e, na rede estadual, mais de 40 mil. O projeto “Aula em Casa” foi criado com o intuito de que os alunos não perdessem de forma integral o ano letivo e, por essa maneira, as aulas foram gravadas e transmitidas em TV aberta e, também, disponibilizadas em sites e aplicativo (SEMED, 2020).

Dentro dessa mesma criação, o programa denominado “Eba! Vamos Brincar!” era voltado, em específico, para os alunos da Educação Infantil. De acordo com a SEMED (2021),

o programa tinha como um dos seus objetivos reforçar o processo de aprendizado através de conteúdo divertido e lúdico em aulas remotas para alunos da educação infantil, e foi desenvolvido por 22 professores de educação física que compõem a Caravana da Educação Infantil, atendendo, aproximadamente, 50 mil crianças.

No processo de realização do acompanhamento, teríamos que escolher um episódio de um vídeo em específico e, com base nele, deveríamos observar, elaborar um plano de aula e, posteriormente, gravar dando a aula. E, com essa decisão, ficou acordado que seria o nosso “novo” Estágio Supervisionado I naquele momento.

De início, todas essas informações e decisões viraram um acúmulo de informações, no qual demoramos inicialmente para entender. Todavia, lembro-me com clareza que no dia seguinte a aula, fui pesquisar com mais detalhes acerca do projeto e de como as aulas estavam sendo dadas aos alunos, tendo em vista que, para nós, adultos, é um desafio estudar em meio às telas.

Ao começar a assistir as aulas que estavam sendo ministrada aos alunos, um misto de sentimento é tomado conta. Ainda nos dias de hoje tento chegar a um consenso comigo mesma se eu chorava de medo ou de revolta, de incerteza ou insegurança.

Ademais, você nunca espera ou, pelos menos, também nunca deseja sentir-se impotente diante de uma situação que envolva o seu trabalho, o seu crescimento, o seu processo de construção de identidade docente.

Assim, mesmo não querendo, mesmo não esperando, esse sentimento tomou conta de mim, pois foi possível ver a olho nu quantas barreiras (muitas de cunho emocional) o docente em frente às câmeras precisou quebrar. O meu professorar nasceu para ser intenso, livre, acolhedor, o que com certeza um aparelho digital não consegue suprir.

Falo sobre as barreiras que percebemos quando tivemos que lidar com cada uma delas e pergunto: o curso de pedagogia nos preparou, ainda que minimamente, para essas situações? Claro que, não vivemos esperando uma pandemia acontecer. Na verdade, sem dúvidas, foi um ocorrido que até então parecia uma situação obstante. Todavia, me refiro além disso, o que buscamos na Pedagogia? O que o curso nos propõe e tem como objetivo?

Posto isso, trago as concepções de Pimenta, Pinto e Severo (2021) sobre o papel da Pedagogia como formação de profissionais da educação. Os autores afirmam que:

A pedagogia é a ciência que tem esse papel: estudar a práxis educativa com vistas a equipar os sujeitos, profissionais da Educação, entre os quais o(a) professor(a), para promover as condições de uma Educação humanizadora. Seu objeto de estudo é a Educação nas várias modalidades em que se manifesta na prática social. Ao debruçar-se sobre o fenômeno educativo para compreendê-lo, amplia seu olhar, sua busca em

outras ciências que também se debruçam sobre a complexidade do humano, síntese de múltiplas determinações (PIMENTA; PINTO; SEVERO, 2021, p. 42).

E ainda sobre o que pedagogia propõe; os referidos também ressaltam:

No caso dos cursos de Pedagogia que se propõem a formar educadores(as) para trabalharem na Educação pública em diferentes espaços, o que se espera das teorias que serão desenvolvidas em seu currículo é que contribuam para que seus alunos consigam compreender a realidade das instituições educacionais públicas do País, desde os aspectos mais amplos – como a organização histórica e pedagógica do sistema educacional brasileiro – até os aspectos mais específicos, como a constituição social e cultural de determinada comunidade próxima de onde a instituição formadora está inserida (PIMENTA; PINTO; SEVERO, 2021, p. 51).

Dentro dessa concepção, os autores afirmam que os profissionais formados pelo curso deverão promover uma educação que seja humana e justa para cada educando, e que o profissional formado possa compreender a realidade de cada aluno, bem como também entender como funciona o sistema educacional do Brasil e seus aspectos específicos dentro da sociedade.

Em contrapartida, uma educação humanizadora também deveria nos proporcionar saberes que envolvessem tecnologias e todo um aparato para trabalharmos diante do que passamos com os alunos. Sabemos que as formações continuadas podem cumprir esse papel, trazendo outros assuntos atuais de relevância, para que posamos levar inovação para dentro da sala de aula. Mas, ainda insisto na ideia de que poderíamos ser também preparados(as) para enfrentar o que tivemos que aprender do zero.

Contudo, posso estar sendo precipitada em minhas conclusões, mas são esses cenários que conseguimos imaginar e concluir quando você passa por um processo do qual não tinha recurso e, assumidamente, sem o conhecimento adequado para o momento.

Prosseguindo, o período pandêmico ocorrido abre portas para uma infinidade de observações e reflexões acerca do educador e de seus respectivos educandos de como a educação passou a ocorrer e de como ela é vista e, muitas vezes, negligenciada por quem deveria, de fato, lutar por ela.

Como podemos falar de educação autônoma, por exemplo, um dos assuntos mais discutidos durante a academia quando essa autonomia acontece de maneira incerta e não planejada? Sobre uma educação que possibilite o educando uma verdadeira autonomia e uma aprendizagem construída de forma significativa Freire (2002) afirma que:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2002, p. 12).

Educar em tempos de pandemia tornou-se um desafio, uma luta a ser travada diariamente e, muitas vezes, sem opção de escolha, mas, de modo algum, impede a nós, professores em formação, de observarmos, refletirmos e questionarmos situações que tanto fizeram modificar e adaptar as nossas práticas.

Quando falo em desafio, coloco peso duplicado no termo; talvez, quem não seja da área, possa não compreender a dimensão do que falamos. Quando paro e analiso como os professores, principalmente os da Educação Infantil, aos quais me refiro no momento, conseguiram estar na linha de frente e adaptar de forma rápida e um tanto quanto a força o ensino? Tendo em vista os desafios que por si só o segmento da Educação Infantil nos coloca.

Inicialmente, ao pensar nesse contexto, Farias (2015, p. 43) nos relembra um dos pilares básicos de se trabalhar com a Educação Infantil – acolhimento. A autora ressalta que o “acolhimento é um dos pilares para construção de parceria entre a escola e a família [...] e constitui-se como elemento fundamental na rotina pedagógica em diferentes espaços e tempos na Educação Infantil”.

E, em relação à bagagem que as crianças carregam e levam para dentro da escola, a autora também ressalta:

Caracóis, as crianças carregam em suas costas, uma casa cheia de histórias, sentimentos e possibilidades que precisa ser acolhida ela escola. A escola é este espaço coletivo onde crianças interagem com adultos e outras crianças, e este espaço foi pensado para o atendimento delas. Crianças são protagonistas da Educação Infantil toda a proposta pedagógica de uma escola precisa girar em torno dos objetivos pelos quais a escola existe (FARIAS, 2015, p. 44).

Assim, a Educação Infantil é processo inicial da construção da criança, seu desenvolvimento, lugar no mundo, suas primeiras descobertas passam por suas primeiras experiências, interações, e necessita ter um espaço e pessoas que os acolham, que possibilitem que esse processo seja realizado de forma significativa.

Todavia, com a pandemia nada disso foi concretizado. Crianças estudando em meio às telas (sem levar em consideração as que não tinham possibilidades de acompanhar remotamente por não dispor de meios eletrônicos), sem o acompanhamento diário e devido, sem interações com outras pessoas. Em muitos momentos me vejo a pensar como essas crianças se sentiram e como estão hoje.

Não tivemos o contato direto com nenhuma professora da Educação Infantil durante a nossa realização do estágio, mas, se tivéssemos, teria tantas perguntas para fazer. Lemos artigos, assistimos noticiários, ouvimos relatos por terceiros, mas alguém já chegou com uma professora que viveu esse período e perguntou como ela se sentia. Digo, perguntar não por perguntar, mas

perguntar quando ninguém está olhando, quando estamos totalmente livres de amarras, de respostas automáticas. Talvez, tenhamos nos preocupado tanto em perguntar que acabamos, na realidade, não perguntando nada.

Avançando em minhas narrativas, ressalto a importância da nossa reflexão sobre o nosso próprio fazer docente – que deve ser um exercício diário. Educação se faz em conjunto, diariamente, ensinando e aprendendo. Entendendo e, muitas vezes, também não entendendo; é ter a certeza de que a nossa docência tende a ser inacabada, mas nunca devemos deixar de acreditar e lutar naquilo em que cremos. Tratando-se de uma visão crítica sobre a prática, Freire (2002) destaca que:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 2002, p. 18).

Nesse sentido, para uma prática em que, de fato, seja possível intervir na realidade do educando, devemos estar o tempo todo refletindo, construindo e desconstruindo o que fazemos, o que pensamos em fazer e até mesmo o que não foi feito. Ensinar, sobretudo, exige responsabilidade com cada passo que damos, tendo sempre a consciência de que nossos saberes e fazeres influenciam, diretamente, na vida de cada indivíduo.

Prosseguindo, ao assistir os vídeos de cada aula, destaco um tema primordial para se trabalhar na educação infantil e que também foi o meu escolhido para elaborar o meu plano de ação pedagógica: a psicomotricidade.

Apesar de todos os impasses que significam dar aulas para crianças de modo remoto; confesso que foi muito instigante aprender através das telinhas maneiras e materiais acessíveis e até então inimagináveis para se trabalhar a motricidade. Destaco também, as inúmeras possibilidades que foram mostradas durante a aula para que as aulas pudessem, mesmo que minimamente executar e puder experimentar essas atividades.

Mesmo sabendo e entendendo todas as propostas de atividades para com as crianças, é inegável compreender que a criança precisa estar presente (fisicamente), assim como bem afirma Vieira e Falciano (2020, p. 802) que “para quem trabalha com crianças pequenas, as relações supõem maior proximidade física entre crianças e adultos, bem como entre as próprias crianças”. Ou seja, o sujeito precisa interagir com o meio que o cerca, viver novas experiências e aprender a lidar com cada adversidade para que desenvolvam habilidades essenciais para a vida.

Adicionalmente, trazendo o documento oficial, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere a Educação Infantil:

Na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver (BRASIL, 2017, p. 25).

Diante do exposto, quando o documento ressalta que os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças precisam ser assegurados, notoriamente são os direitos em que a criança precisa ter em conviver brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se para que possam desenvolver-se de maneira integral.

Por certo, podemos chegar à conclusão de que, de fato, as videoaulas possuem o seu valor, pois fez com que a criança, mesmo de forma digital, acompanhasse as aulas e mesmo que minimamente sentir-se inserida neste meio, sem minimizar o esforço de cada docente que está frente às telas se esforçando e quebrando barreiras para que no lar de cada educando chegue um espaço com o intuito de ser dinâmico, acolhedor e que as crianças não se sentissem sozinhas em meio a aprendizagem.

Sobretudo, nós professores, formandos e formados sabemos que a realidade posta para ministrar as aulas esteve longe de ser ideal e, principalmente, conscientes de que, indubitavelmente, mesmo com toda uma logística realizada, infelizmente sabemos que as aulas não foram do conhecimento e acesso de muitos alunos.

Essa situação é desafiante, também, pelas dificuldades de adesão dos estudantes/das crianças às atividades *on-line*. Seja pela fragilidade dos equipamentos e conexões disponíveis, seja porque a maioria dos brasileiros acessa a *internet* pelo celular, com plano de dados ilimitados (VIEIRA; FALCIANO, 2020, p. 803).

Além disso, de acordo com a UNICEF (2020), três a cada dez crianças em idade escolar estão sem acesso ao ensino remoto durante a pandemia. O índice representa 463 milhões de crianças em todo o mundo. A maior parte (72%) é de famílias pobres.

Devido a esses indicadores, uma reflexão maior foi feita na época e no pós-pandemia também. Não há como deixar de pensar apenas pelo fato de a situação ter passado. Enfrentamos essa fase, mas qual a lacuna que deixamos? Ou que nos deixaram? Que nossas lembranças, bem como essa narrativa, seja mais um motivo para sempre lembrarmos da diferença que nós educadores fazemos na sociedade, no papel transformador que temos sobre cada ser que nos é confiado.

Outrossim, durante a realização do estágio remoto, nossos olhares estavam com medo e inseguros como é possível notar durante minha narrativa, porém muito atentos com cada situação que observamos independente do que fora; e, desta maneira, notamos um fator que sem dúvidas implica para o êxito do ensino e sem ele o insucesso também: a inclusão.

Infelizmente, a falta de inclusão foi algo notável durante as aulas realizadas. Nota-se a ausência de atividades adaptadas para os alunos que possuem alguma especificidade, a não representatividade e não há uma riqueza de opções de materiais didáticos acessíveis que podem estar sendo utilizados para o cumprimento das atividades.

Sabemos, contudo, que nossas práticas pedagógicas devem adequar-se à realidade da infância, mesmo que de forma remota. Mas, na época, me veio um pensamento e faço a questão de trazê-lo novamente: não podemos e nem temos o direito de culpabilizar os docentes por essa falta; essa ausência nos traz para uma reflexão ainda mais profunda. Pois, é nessas entrelinhas, nessas faltas que conseguimos enxergar o quanto a educação ainda é deixada de lado por agentes que deveriam lutar por ela.

Essas reflexões desenvolvem situações ainda mais sérias que, com certeza, uma narrativa apenas não consegue suprir. Mas, com isso, conseguimos notar a desigualdade escancarada e como a minoria é, mais uma vez, deixada de lado. Onde, por exemplo, rapidamente foi pensado em tudo que se diz respeito ao contexto remoto. Todavia, não foi pensado, por exemplo (pelo menos não de forma clara), como ficariam os alunos(as) que frequentam uma sala de recursos ou de alunos(as) que a escola era seu principal local de fazer suas refeições.

Até hoje, quando paramos para pensar em todas essas situações de modo micro e macro, entendemos e percebemos a gravidade da situação ocorrida nos últimos anos. Me arrisco até em dizer que existem outras inúmeras situações das quais não descobrimos. E precisamos, certamente, nos apressar para sabermos e continuar intervirmos, não importando quantos anos passarem, para buscarmos reduzir os danos visíveis e ainda, no momento, os invisíveis também na educação.

Assim, quando me refiro sobre a educação ser deixada de lado por quem deveria lutar, penso que, quanto mais relembremos, observamos tudo o que aconteceu e ainda acontece, percebemos a falta de planejamento, de organização e de estrutura para tornar o ambiente de ensino, mesmo que digital, minimamente acolhedor.

E isso implica em também não ser pensado em como o educador sentiu-se sobre toda essa situação, até nas entrelinhas notamos a desvalorização e o descaso para conosco. Em

relação a nossa prática educativa e a responsabilidade que ela nos pede juntamente com respeito para com cada professor, Freire (2002) afirma:

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação (FREIRE, 2002, p. 37).

Assim, por muito tempo, lamentei precisar ter que observar, descobrir e vivenciar um estágio dessa forma; tanto que lembro-me que, em meu relatório, despejo todos os meus dissabores sobre a situação em que vivi, mas agora ter que lembrar e narrar, ainda sinto os mesmos sentimentos; mas também consigo entender a importância de nunca parar de questionar o meio em que vivo, indagar as situações que ocorreram e ocorrem diante da minha profissão para que, assim, consiga ser uma agente transformadora e não inerte em um lugar em que acredito e posso fazer a diferença.

Assim, conseqüentemente após a análise dos vídeos, começamos a preparação para iniciarmos o plano de ação pedagógica com base nas aulas/temas assistidos. Foram realizados encontros pela plataforma *Google Meet* em que os professores nos deram orientações quanto a organização do plano e se deixaram a disposição para eventuais dúvidas que poderíamos ter. Foi sorteado, também, de forma aleatória, os professores que seriam os nossos orientadores, para que tudo ocorresse da melhor forma possível.

Dentro desse contexto, ressalto a importância do plano de ação pedagógica como um modo de consolidar e exercer as nossas práticas, bem como colaborar com a escola, com os professores e, conseqüentemente, com os alunos. Devido à pandemia, não conseguimos atingir nosso objetivo diretamente de levar nossos trabalhos efetivamente para as escolas. Em contrapartida, sem dúvidas, nosso plano de ação pedagógica consolidou-se fundamental em nosso contexto, pois pudemos, mesmo que longe das escolas, pensar, refletir, analisar e planejar como poderíamos realizar um plano de ação que tivesse como objetivo suprir as demandas que o período vivenciado nos exigia, de modo que pudesse atender aos alunos, sem distinção.

E, com isso, foi-nos cedido um tempo durante o encontro virtual para que pudéssemos decidir se era vontade nossa fazermos o plano de ação e as gravações de forma individual, dupla ou trio. Após a nossa escolha, iniciamos os trabalhos. Aqui, ressalto e revivo minha ansiedade para o desafio que nos esperava. Pois, inicialmente para nós, parecia utópico elaborar um plano de aula em que, de fato, não executaríamos em sala de aula.

A minha opção foi realizar a elaboração do plano em dupla; então, começamos a debater em encontros – em que eu e minha dupla realizamos via *Google Meet* – o que tínhamos

observado acerca dos vídeos fazendo alusão aos ensinamentos e reflexões ao longo da graduação, atrelando também com as nossas experiências em sala de aula. As nossas ideias eram similares e, mesmo com algumas visões opostas, conseguimos entrar em um consenso para a escolha do tema da aula que constaria em nosso plano.

Sendo assim, de acordo com as nossas vivências e saberes, escolhemos como tema “Desenvolvendo a psicomotricidade através de atividades e manifestações artísticas da música e da pintura”. A escolha desse tema ocorreu por entendermos a importância da psicomotricidade na primeira etapa da educação básica e o quanto colabora para o desenvolvimento de cada criança.

Vale ressaltar que a escolha de atrelar as artes com a psicomotricidade foi por saber que a psicomotricidade nos traz a oportunidade de trabalhar as artes de forma direta e indireta. O professor pode e deve ser mediador das experiências artísticas e estéticas de cada criança, ajudando-a a explorar o meio que o cerca. Em relação à importância do ensino das artes e atividades co-relacionadas no dia a dia das crianças, Ferraz e Fusari (1993) afirmam que:

Durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, utilidade seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração de outro — pais, Professores, entre outros — sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não essenciais (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

Desse modo, por meio das artes, as crianças têm a possibilidade de explorar o mundo a sua volta, de conseguir expressar-se através do que vê e aprende no meio em que a cerca e, conseqüentemente, aprende desenvolvendo as habilidades da psicomotricidade, garantindo assim uma aprendizagem significativa.

Em contraste, apesar do domínio sobre o tema escolhido, notamos que as dificuldades voltaram a tomar conta de nossos planejamentos, pois queríamos realizar um encontro presencial para a elaboração do plano de ação, pois, de uma certa forma queríamos elaborar o trabalho meio a uma interação pessoalmente para que pudéssemos relembrar nossos momentos de trabalhos em sala de aula; mas, por conta da distância e da crise sanitária que enfrentávamos, tudo tornou-se um desafio.

Narrando neste exato momento, me vejo pensando um tanto quanto assustada, mesmo depois de quase 2 anos em como a pandemia afetou nossos afazeres em situações básicas, em necessidades simples. Um simples ato de fazer um trabalho pessoalmente tornava-se um grande

evento, em que meio ao caos ainda tínhamos que ser resilientes e lidar com a situação da forma mais leve possível.

No entanto, com o intuito de elaborar o plano de ação da forma mais significativa possível, conseguimos nos organizar em nossas respectivas rotinas e aconteceu o nosso primeiro encontro para iniciarmos os trabalhos, tudo seguindo os devidos protocolos de saúde.

A princípio, levamos em consideração as nossas experiências de estágios anteriores e os atuais para simplificar o nosso entendimento e imaginação para elaboração do plano de ação e gravação dos vídeos. E, para complementar, resolvemos imaginar um cenário de uma sala de aula real, que estaríamos vivenciando se não fosse a pandemia. Então, fizemos um panorama da sala de aula imaginada por nós.

Quero ressaltar e deixar registrado aqui a importância que cada experiência que tivemos de forma direta ou indiretamente com outros estágios, outras experiências, outras vivências com profissionais da educação, bem como cada educando, nos auxiliaram nesse processo de realização do estágio, planejamento do plano de ação pedagógica, assim como a sua execução.

Não quero, de modo algum, dizer que foi fácil, pois em nenhum momento foi. Todavia, conseguimos pensar que nossas experiências anteriores permearam nossas produções, nossa visão de mundo e possibilitaram que nosso trabalho, mesmo em um período difícil, fluísse de uma maneira significativa para nós.

Dentro de minhas próprias palavras narradas até aqui, consigo, de modo claro, entender a importância da inserção dos professores em formações em espaços escolares para que, gradativamente, conheçam e compreendam a realidade escolar, saibam dos obstáculos que até os dias atuais a educação brasileira enfrenta e possam ajudar na intervenção por uma educação como prática social dentro da sociedade.

Sem esquecer, também, em como nossas experiências e vivências anteriores, atreladas à vivência do estágio supervisionado, influenciam, complementam e expandem a nossa trajetória profissional, construção de identidade docente, nossa maneira de nos enxergar, ver o mundo e nos entender um pouco mais a cada experiência que passamos. Todas as nossas experiências nos reafirmam, modificam, nos expandem para o que somos hoje e para os profissionais que estamos e ainda vamos nos re(construir).

Ao passo que o panorama estava concluído, começamos a elaborar em conjunto o nosso plano de ação pedagógica que teve como tema “Desenvolvendo a psicomotricidade através de atividades e manifestações artísticas da música e da pintura” e tinha como público-alvo as crianças da Educação Infantil do 1 período, com a idade de 4 anos.

O plano de ação tinha como objetivo geral estimular o desenvolvimento e aprimoramento da motricidade e das linguagens artísticas e como objetivo específico explorar os movimentos corporais de equilíbrio, cooperação, atenção e organização espacial através de um circuito motor; trabalhar a percussão corporal e a percepção dos tipos de sons instrumentais em diferentes contextos; e apresentar as cores primárias e os tipos de formas geométricas a partir da confecção dos instrumentos musicais de acordo com a vivência da criança.

Apesar da distância não oportunizando que pudéssemos executar o plano em uma sala de aula, tivemos o cuidado de pensarmos em cada detalhe para que pudéssemos elaborar o plano da maneira mais verdadeira possível, que pudesse contemplar cada realidade do aluno.

Quando falo em “contemplar a realidade de cada aluno” ressalto com base nas experiências vividas durante e até agora no meu processo de formação. Em todos os lugares pelos quais já passei, sejam instituições públicas ou privadas, sempre observei cada realidade dos alunos, seus comportamentos, suas falas, modo de se portar junto a seus colegas e olhar que tinham consigo mesmo.

E, com isso, trago em minha bagagem lembranças vívidas em minha memória de alunos alegres, sorridentes, que sempre estavam dispostos a ajudar seus colegas e serem proativos com a professora; bem como, também, lembro de alunos mais retraídos, tímidos, que transpareciam um olhar de medo, mas também de curiosidade, de observação.

Relembrando, também, de alunos que demandavam nossa atenção especial, em particular, os alunos que possuíam alguma especificidade. Alunos que faziam nos reafirmar com fervor nosso compromisso com a educação. Alunos que, também, sem dúvidas, nos instigavam e instigam a sermos mais, a estudarmos mais, nos qualificarmos sempre no objetivo de sermos ainda melhores para atendê-los, colaborando de maneira justa, possibilitando caminhos a cada um deles.

Ao longo do nosso percurso formativo, uma das situações mais intrigantes e encantadoras para mim é a maneira como os alunos passam e deixam marcas em nossas vidas, em como vidas tão pequeninas adentram nosso meio e seus jeitos; palavras são capazes de eternizar dentro de cada um de nós. A ponto de usarmos eles(as) como parâmetros para pensar, usar como base para elaborar nosso plano, de ter força e vontade de continuar estudando, lutando para levar uma educação digna a cada um e outros(as) que com certeza virão e farão parte da nossa história.

Lembro-me de que, na época, ficamos a todo momento a pensar em cenas fictícias de ministrarmos exatamente essa aula, chegamos até atuar como poderia ser a possível reação dos

alunos diante de cada explicação nossa; o que eles iriam perguntar, como agiriam e até do que possivelmente gostariam ou não.

Em um desses episódios de encenação que antecipava as nossas gravações, recordo-me da minha dupla chorando, reclamando, sobre exatamente o que estávamos passando, dizendo a todo momento que não merecíamos passar por isso, que, de um ponto de vista profissional, chegava até ser desumano. De certa forma, entendia a sua revolta, pois era a minha também, para ser bem sincera, meu relatório de estágio não deixa enganar; em cada palavra era posto cada sentimento de tristeza, insegurança que acredito até mesmo ter assustado aos docentes que leram.

Sobretudo, não me arrependo de nada, nem ter escrito e muito menos de ter sentido. Aquelas palavras e sentimentos dão força, atualmente, para a minha caminhada, inclusive me arrisco a dizer que sem aquilo tudo que vivenciei, certamente não estaria aqui.

Corremos com a nossa elaboração, descrevendo quais seriam as etapas de execução da nossa aula e pensamos até no “antes” da aula. Logo, nossa elaboração seguiu conforme a seguir:

1. **Antes** – Enviaremos pelo grupo de *WhatsApp* da turma um roteiro para os pais com a descrição prévia das atividades e dos materiais necessários e, em caso de dúvidas, manteremos contato e estaremos à disposição nesse momento.
2. **Durante** – A interação será realizada por meio da plataforma do *YouTube* e, durante a transmissão do vídeo, acompanharemos os comentários com as respectivas dúvidas dos pais ou responsáveis. Antes da aula será pedido aos pais e/ou responsáveis para acompanhar as crianças nas atividades, para dessa forma trabalhar a interação e cooperação familiar.

Preciso ressaltar que gosto de observar e pensar no quão o docente é comprometido até mesmo naquilo em que ele sabe que no momento não irá executar, em que até quando não estamos em uma sala de aula pensamos em como se estivéssemos em uma.

Porém, em alguns momentos me peguei a pensar e continuo: se tudo isso não seria de minha parte uma grande romantização do ato de educar? Na academia, é subentendido que sempre o professor(a) pode estar apto a resolver tudo, criar tudo, dar conta de tudo e essas questões, de certa forma nos criam uma sobrecarga.

Essas reflexões pairam sobre minha mente ainda nos dias de hoje, talvez nunca saberei a resposta ou talvez nem tenha resposta. De fato, nós professores, precisamos aprender que algumas situações não obtêm respostas e isso faz parte da docência nua e crua em nossas vidas.

Percebo, exatamente aqui, que em muitas passagens de minha narrativa me coloco como professora, como uma profissional ainda em formação, mas atuante na área da educação. E, de

fato, sim, sou. Comecei com estágio não obrigatório, mas ao longo dessa experiência conquistei um espaço de forma efetiva dentro da área da educação.

Confesso que somente agora, através dessas narrativas, estou conseguindo me colocar e me enxergar de fato como uma profissional atuante na área. Sinto-me estranha em relatar dessa forma em como, somente ao final da minha graduação, é que estou conseguindo de forma efetiva me colocar como tal.

Acredito que isso se deve ao fato de que, mais uma vez, nos cobramos tanto, queremos sempre saber de tanto que não valorizamos o que já somos e o que já conquistamos.

Nós, professores em formação e os já formados, constantemente, nos cobramos antes mesmo de alguém nos cobrar e julgar. Estamos em constante alerta, que mesmo antes de sermos atacados, possuímos munições reservas. Sabemos que isso precisa ser desconstruído, mas também sei que isso vai muito além de nós mesmo.

Aqui, consigo aos poucos sentir evidentemente a minha voz, a minha força. Uma voz que sempre existiu, mas nesse momento consigo ouvi-la com mais clareza e firmeza. Dentre essas percepções, me arrisco a afirmar que todo profissional deveria poder ter a oportunidade de escrever a sua narrativa formativa para, assim como eu, se re(descobrir).

Sendo assim, continuo a lembrar e narrar como foi a aula elaborada que nunca assistiram; a aula gravada que demorou mais de 12 (doze) horas para ser gravada, a aula do medo, da insegurança, da transparência e do escuro por trás da câmera que nos gravou. Não, não vou romantizar as minhas sensações, impressões e experiência do momento. Ser docente é ser transparente, sobretudo, consigo mesmo.

Recordo-me que em muitos momentos me vi a olhar o cenário e me perguntar como gravaria, como me colocaria frente às câmeras se, até para tirar uma fotografia em momentos descontraídos, sou tímida. Nesse momento, principalmente, duvidei insistentemente da minha capacidade, da formação em que eu estava recebendo, me coloquei em uma posição de total insegurança, era como se tudo que eu havia aprendido e vivenciado não contasse, não valesse de nada.

Então, naquele momento, em específico, percebi que não importa o quanto você estude, tenha experiências com diferentes pessoas e realidade, sempre haverá uma situação que te colocará a prova de tudo, que fará você duvidar da sua capacidade, que testará os seus limites, a sua força, a ponto de você se perguntar se realmente conseguirá. Nesse aspecto, sinto ainda que, mesmo de forma temporária, minha identidade passa por questionamentos, reflexões que imbricam fortemente na minha construção e me levam a pensar sobre meu curso em si, sobre,

de certa forma, o que poderia ser trabalhado, para que futuramente os próximos professores em formação não passassem por situações que os levam ao limite das suas dúvidas.

É inegável que minhas reflexões não advêm somente da graduação e de minhas experiências nos estágios, possuem também raízes da essência da Emmanuelle em outros aspectos da vida. Contudo, me pergunto (e ainda não obtenho a resposta), de como a pedagogia pode dar conta dessas questões. Esses questionamentos tampouco terão fim; nos seguirão para todo o sempre em nosso percurso, mas volto a afirmar que sim, o curso de pedagogia poderia ter um amparo mais sólido para essas questões que permeiam e deixam evidentes em momentos vulneráveis como os que vivemos.

Ainda não tendo a convicção se é o momento, mas querendo deixar algumas reflexões a respeito da formação, da minha formação, da pedagogia em si, ressalto Franco, Libâneo e Pimenta (2011, p. 63), que me trouxeram inquietações, principalmente na medida em que afirmam que “a formação docente passou a ser apropriada como treinamento de habilidades, o que contribuiu para apequenar a função social dos professores, que passaram a ser tratados como mero *ensinadores* de conteúdos arbitrária e previamente selecionados”.

De fato, percebemos que nossa pedagogia, constantemente, é reduzida à formação de professores, mas sinto-me inquieta ao saber que mesmo sendo reduzida e, muitas vezes, priorizada para formação de docentes, chego até aqui em situações atípicas como as vivenciadas e narradas, em muitos momentos também me sentindo perdida como professora. Afinal, nossa pedagogia está reduzida a que? Certamente, não se trata de uma crítica, ao passo que me sinto privilegiada em estudar, conhecer, vivenciar tudo o que a pedagogia me permitiu; porém, considero que em nenhum momento nossas indagações devam ser deixadas de lado.

Engolindo minhas emoções afloradas até demais para o momento, e deixando reflexões, prossigo com as narrativas sobre as etapas em que ocorrerão a minha aula e como tudo se deu.

Após conversas por meios digitais, organização individual sobre a divisão de confecções de materiais didáticos que seriam utilizados na aula, pesquisas acerca do que poderíamos implementar para que nossa aula fosse o mais acessível possível, conseguimos unir nossas agendas e marcamos um dia para realizar a filmagem.

Em virtude da distância, tivemos ajuda de terceiros para que nossa gravação fosse feita; dispomos apenas de um único dia para as gravações, pois como dito anteriormente, o deslocamento para o local é complexo e provavelmente não haveria outra oportunidade.

Ao darmos início, percebemos o quão é difícil portar-se frente às câmeras, de quanto é complexo você dar uma aula imaginando que possuem crianças te assistindo (quando, na verdade, a gravação não será assistida por nenhuma criança), de incontáveis vezes em que

erramos e precisamos recomeçar, da timidez que em alguns momentos te impede de olhar para as câmeras.

Mesmo sabendo que nossas aulas não chegariam às crianças, me veio um pensamento que acredito que possa ter perpassado pelos professores que estão na linha de frente: sobre um mundo que, até então, as situações, emoções, aulas, experiências eram vivenciadas olho no olho, dia após dia, interação entre o seu meio que tecnologia alguma é capaz de suprir.

Diante disso, tudo que era vivenciado de forma presencial, no chão da escola, passou a ser realizado de forma digital. Tendo em vista essa mudança, consigo imaginar que, em algum momento, as professoras sentiram que suas aulas, seus conhecimentos estavam por se transformar em meros arquivos digitais, que de uma certa forma não tinha o alcance necessário a todos os seus alunos. Dentro dessa ideia, ressaltamos Nóvoa e Alvim (2021), que relatam sobre tudo que somos e vivemos não está reduzido e nem consta nos meios tecnológicos e nem deve constar.

Grandes partes das nossas vidas e culturas, da nossa criatividade, das nossas histórias, das produções efêmeras e espontâneas, dos laços e relações entre nós, dos nossos sonhos, não estão na internet. Há um patrimônio humano, impossível de digitalizar. Sem ele, a educação ficaria reduzida a uma caricatura digital (NÓVOA; ALVIM, 2021, p. 9).

A *internet* é um eterno paradoxo de nos aproximar e quebrar barreiras, mas também de ajudar a construir as mesmas. É inquestionável quando pensamos em nossas maiores experiências e sensações, lembramos apenas de situações em que vivemos pessoalmente, de contato olhos nos olhos que tivemos com as outras pessoas, momentos que ficaram marcados. Esses momentos jamais esqueceremos e ficaram eternizados. O digital não esgota a existência humana.

Continuando, ressalto que no cenário em que nós criamos para facilitar nossa compreensão da atividade imaginamos que: o vídeo seria feito de modo AO VIVO, mas ao final também ficaria salvo na plataforma. E, de qualquer forma, estaríamos à disposição para eventuais dúvidas sobre a realização dos exercícios.

Visto isso, nossa primeira atividade foi realizada da seguinte maneira: A primeira atividade a ser realizada é um Circuito Motor onde será dividido nas seguintes etapas: colar uma fita colorida em forma de “zig-zag” para a realização do caminho, e será pedido aos responsáveis para adaptar com os materiais que possuem em suas casas (Barbante ou corda). Vale ressaltar que esta atividade poderá ser feita em dupla, pois terá duas linhas (uma de frente para a outra) e os pais e/ou responsáveis conseguirão acompanhar a criança na execução da atividade.

Ao finalizar a primeira parte do circuito, a criança participará do boliche feito com garrafas pets e bolas de papel, onde daremos comando de revezamento das mãos direita e esquerda.

Atividades como essas permitem a interação entre as crianças (porém, como no atual momento estão em suas respectivas casas, esta interação se dará das crianças com os seus responsáveis), troca de conhecimentos e a construção de valores de cooperação, solidariedade e respeito ao outro, pois no processo de realização da primeira atividade, se for feito em dupla (como é a indicação), isso fará com que as mesmas tenham e pratiquem a paciência e o cuidado com a sua dupla, ao ponto de ir com calma e esperar o colega, no seu devido tempo, a realizar atividade. Além disso, ambas atividades também desenvolvem a lateralidade, equilíbrio, noção espacial e percepção visual.

A aula em questão foi pensada e realizada da maneira mais simples e acessível possível, nos preocupamos em explicar as atividades mais de uma vez e pausadamente, elaborando uma lista com os materiais adaptados para que as crianças pudessem estar utilizando para participar das aulas.

A segunda atividade foi, por sua vez, apresentação dos sons. Nessa aula, no primeiro momento apresentamos os sons produzidos pelo corpo com o exercício de percussão corporal a partir da música “a dona aranha”, estimulando as habilidades de movimento da aula anterior e a percepção dos sons produzidos pelo próprio corpo.

No segundo momento, apresentamos a outra possibilidade de sons através de instrumentos musicais como o violão e o cavaquinho, demonstrando os sons altos e baixos, curtos e longos.

No terceiro momento, a produção se deu com a confecção de um instrumento musical com materiais de sucata. A criança poderia escolher entre um chocalho confeccionado com garrafa pet ou um tambor de lata de leite, tendo em vista que os responsáveis receberiam o roteiro e as crianças já teriam os materiais necessários para a realização da atividade junto com a sua família.

A segunda atividade possibilita que as crianças possam ter conhecimento de que podem produzir variados sons com o seu próprio corpo, podendo utilizar-se disso até para interações com seus colegas. E, por conseguinte, que conheçam os sons de diferentes instrumentos musicais, que saibam que através deles podemos cantar e nos expressar, e aprimorem a sua escuta para identificar a diferença entre eles (som alto e baixo, curto e longo).

Na segunda atividade, o desgaste e o cansaço foram perceptíveis e lembrados até hoje. Desde o início, ficar frente as câmeras foi um obstáculo, e durante esse percurso houve muitos

erros, o que fez com que a nossa aula fosse gravada muitas vezes até, finalmente, acertarmos. Contudo, entre os intervalos e gravar, parar a gravação e regravar tudo novamente, nos ocorreu um grande desgaste físico e mental que, por consequência, refletiu na segunda e terceira atividade.

Nesse contexto onde víamos apenas celulares, câmeras, *notebooks* como os “atores” principais da educação, retomo a Nóvoa e Alvim (2021) que destaca a Covid-19 como os percursores dessas tendências:

A covid 19 deu um grande impulso a essas tendências, que se apresentam agora, como uma “inevitabilidade” para o futuro. Com discursos atraentes, inovadores, empreendedores, criativos, nega-se a herança histórica da escola e procura-se fomentar uma educação esvaziadas das dimensões públicas e comuns, pautada pelo ritmo do “consumismo pedagógico” e do solucionismo tecnológico (NÓVOA; ALVIM, 2021, p. 3).

Nesse contexto, acabamos esquecendo da educação pública, onde visualizamos claramente a desigualdade no país; cenário diário da vulnerabilidade social, em que vemos nossos alunos(as), muitas vezes, fazendo sua primeira refeição do dia através da merenda escolar, por exemplo.

Sem contar que a educação humanizadora se faz com afeto, acolhimento, contextos esses que só o contato físico proporciona. Diferentemente de instituições privadas, em que, mesmo em situação de pandemia, há uma condição estável ao menos para que os educandos daquela realidade consigam acompanhar as aulas. Claro que, uma educação significativa e autônoma é narrativa para os próximos parágrafos, mas as condições não configuram tão precárias quanto no que se refere à educação pública.

Retomando, inevitavelmente ocorreu uma certa frustração ao assistir os vídeos (quando finalizados) e enxergar os nossos semblantes cansados. Posto aqui, me pergunto: Houve realmente uma aprendizagem significativa na época? Lembro-me da época em que cheguei a ver fotografias através de notícias em que as crianças estavam frente a televisão, celular, *tablets*, estudando e os responsáveis realizam os registros. Todavia, me pergunto: quem eram esses alunos depois das fotos? Quando ninguém está olhando. Quais são os seus pensamentos, sensações? Quais são as suas percepções sobre tudo o que estava acontecendo? E quem são esses alunos hoje? Essas perguntas as quais não sei se um dia terei resposta, ainda pairam sobre mim.

E, por fim, a terceira atividade: Nessa aula foi retomada a produção dos instrumentos musicais (chocalho e tambor), com o objetivo de enfeitar com cores e formas geométricas cada instrumento. Enquanto produzimos o material, apresentaríamos as cores primárias e seria usado

tinta guache, fitas, figurinhas e papéis coloridos para colar alguns tipos de formas geométricas para as crianças.

Dessa forma, seria perguntado de forma gradual se elas conheciam as respectivas cores que foram mostradas e coladas nos instrumentos, qual o nome das figuras geométricas expostas na arte e explicando as diferentes formas de cada uma de acordo com o instrumento.

Com base nessas atividades, as crianças poderiam aprender a expressar-se, por meio de várias linguagens, as suas artes, desenvolvendo o senso crítico e estético a cada atividade e aprimorando a autonomia e criativo para fazerem cada arte da maneira e forma que desejassem.

Após o encerramento das gravações, houve momentos de reflexões sobre tudo o que estava ocorrendo em nosso estágio em questão, e chegamos à conclusão de que: ainda não estamos preparados para uma alternativa de ensino remoto. E isso possui uma ênfase maior quando se trata da Educação Infantil.

Oliveira e Junior (2020, p. 734) afirmam que a “situação é complexa e desafiadora, envolve desde a falta de acesso e suporte tecnológico dos profissionais e estudantes, a pouca experiência dos professores e a falta de capacitação prévio para o uso de tecnologias para a realização do trabalho remoto”.

Educar é estar presente, acompanhar o desenvolvimento do aluno e fazer com que suas habilidades desenvolvidas ao longo do percurso sejam concedidas de forma significativa em cada ser; é entender que as condições que uma parcela de crianças possui podem não ser as mesmas das demais. Educar é ter um olhar observador para cada educando e extrair o melhor que se pode ser.

Além disso, é imprescindível levar em conta que apesar da era tecnológica em que nós vivemos, uma parcela de crianças/família são de baixa renda e não possuem um *smartphone*, por exemplo, para ter acesso às aulas ou simplesmente não conseguem manuseá-lo de forma eficaz. Empecilhos como esses devem ser levados em consideração para que sejam repensadas novas alternativas de ensino para melhorar a qualidade de educação para todos.

Outro fator pertinente no momento atípico ocorrido é a categoria dos docentes. É preciso ter um olhar atento e valorizado para o educador que, a cada dia, se dispõe frente as câmeras encarando sua timidez, insegurança e tentando vencer os obstáculos que o formato remoto nos acompanha.

Posto isso, percebemos que o momento pede para que nós possamos nos reinventar, desconstruir para construir, desfazer preceitos para elaborar novos, criar estratégias em que os seus respectivos alunos se sentissem inseridos no meio virtual, que também passou a ser o seu

espaço e consiga ter a sensação de que ele também faz parte disso e, assim, tornando-o uma peça fundamental para ser o protagonista da sua própria aprendizagem.

Em contraste, se por um lado o formato remoto nos causou frustrações, por outro nos permitiu novas adaptações de nós mesmos e a encarar de frente o impasse que muitas vezes nos foi colocado. Isso, de fato, nos leva a ter uma visão mais atenta do que nos cerca.

Por fim, iniciamos e finalizamos a matéria de estágio supervisionado, ciente de nossa responsabilidade ética para desempenhar a profissão que optamos por exercer e com a compreensão de que precisamos, a cada dia, nos capacitar para que possamos estar preparados para lidar com as adversidades atuais e as futuras que poderão ocorrer.

## **2.2 Vivências do Estágio Supervisionado II no Ensino Híbrido**

Em relação à realização do Estágio Supervisionado II, conforme a Portaria Normativa 001/2021 – GR/UEA de 30 de abril de 2021 que dispõe a cerca e os procedimentos acadêmicos para o 2º semestre do ano letivo de 2020 e:

CONSIDERANDO a Medida Provisória Nº 934/2020, o Parecer CNE/CP Nº 05/2020, o Parecer CNE/CP Nº 09/2020, o Parecer CNE/CP Nº 11/2020, Lei Nº 14.040/2020, a Nota Técnica Nº 001/2020 PROGRAD/UEA, bem como a Resolução Nº 03/2021 que aprovou o novo calendário acadêmico para o 2º semestre de 2020 e o calendário acadêmico de 2021, em função da situação de calamidade pública na saúde, decretada pelo Governo do Estado do Amazonas, decorrente da pandemia COVID-19 RESOLVE: Art. 1º Quanto a realização das atividades de ensino de graduação (dias letivos) compreendidas no período de 3 de maio a 31 de julho de 2021 I - Os componentes curriculares teóricos devem manter suas atividades em formato não presencial, com uso das plataformas digitais, preferencialmente em formato síncrono e assíncrono; II - Os componentes curriculares práticos ou teórico-práticos estão autorizados a realizarem atividades presenciais, desde que extremamente necessárias e tomadas as medidas preventivas exigidas; III - O componente curricular estágio obrigatório pode ser realizado presencialmente ou não, considerando as especificidades de cada área de formação. (UEA, 2021).

O primeiro contato que tivemos com a disciplina de estágio no andamento da nossa graduação foi em agosto de 2020, como narrado anteriormente. Na época, foi muito difícil assimilar a situação, mas, aparentemente, parece ser regra o poder e a força do reinventar docente diariamente, de aprender (muitas vezes sem pretender, mas aprendemos) a criar estratégias, soluções para mudar a nossa maneira de lidar. E, com isso, passaram-se 11 (onze) meses após o primeiro contato com o Estágio I e muita coisa mudou, e ao mesmo tempo nada mudou. Na verdade, o meu olhar mudou e isso, para mim, significa muito.

Aqui, me vejo com um novo olhar. Chegar até aqui não foi nada fácil e relembrar também é uma tarefa árdua, mas que bom saber e sentir que posso me reinventar de tantas formas e jeitos. Chego até aqui com a sensação de que valeu a pena, está valendo. De que

mesmo com todos os obstáculos vividos eu estou conseguindo, eu estou aprendendo e me dando a oportunidade para viver um dia de cada vez.

Assim, em nossa primeira aula da disciplina de Estágio Supervisionado II, via *Google Meet*, foi nos informado o que já era esperado: continuar realizando o estágio de forma remota, mas dessa vez estaríamos sendo acompanhados(as) por um professor(a) preceptor, pois as aulas nas escolas estavam acontecendo de forma remota / semipresencial naquele semestre.

A notícia nos deixou ansiosos(as), pois no Estágio anterior não tivemos a mediação de nenhum professor / contato com a sala de aula e, dessa vez, mesmo que virtualmente, teríamos essa oportunidade. Essa mudança, apesar de não ser ainda o presencial, nos oportunizava vivenciar uma nova experiência que também contribuiu em nossa construção docente. Deixo registrado aqui, nesse parágrafo, o quanto essa mudança foi significativa e me deixou um tanto quanto aliviada na época. Pude conhecer uma outra professora que estava vivenciando a mudança por conta da pandemia dentro da escola pública, que estava lutando, se reinventando todos os dias para manter-se de pé, tentando levar uma educação digna aos seus alunos.

Prosseguindo, de forma gradual em nossa carga teórica ocorreu a divisão dos acadêmicos nas escolas, nos foi apresentado a ementa, o plano de ensino; e as propostas dos estudos dirigidos para acrescentar nossas reflexões acerca do fazer docente. Durante esse processo, em nossas primeiras aulas foi voltado para refletirmos sobre nossas vivências pedagógicas com a participação de 2 colegas que faziam parte do projeto Residência pedagógica.

Essas reflexões proporcionadas pelos próprios acadêmicos e professores da disciplina tornou-se primordial, pois nos fez pensar em um fazer docente a modo de ressignificarmos todos os dias as nossas práticas, o nosso olhar para a educação; nos permitindo pensar de que modo podíamos, mesmo em meio a uma pandemia, levar uma educação humanizada aos alunos.

Além disso, reforço aqui, mais uma vez, a importância do estágio (através da reflexão que tivemos na roda de conversa com os colegas da residência pedagógica). De acordo com Milanese et al. (2008), “o estágio também é visto como lugar de superação e de autoafirmação pelos estagiários”. Logo, o estágio é compreendido como um processo fundamental, pois, nós, professores em formação sentimos o nosso local de atuação (mesmo em uma situação atípica – pandemia), muito mais como profissionais, mas como seres que sentem, sonham; que deixam os seus sentimentos emergirem sobre a docência, que se sentem parte do processo da educação.

Em concordância com os autores, sempre enxerguei o estágio como uma forma de afirmação sobre minha pessoa, uma oportunidade de estar em contato com a realidade dos educandos como também me autoafirmar como profissional, como professora, como pedagoga,

como a Emmanuelle que nesse processo precisa ter vez e voz; que precisa também ter o seu protagonismo e continuar a escrever a minha história (que não iniciou agora).

Ademais, os professores da disciplina, diariamente, nos mantinham informados sobre as escolas que nos acolheriam, quando seria a reunião com os professores que fariam essa mediação conosco e tirando dúvidas sobre como seria esse novo processo. Esse processo de acolhimento por parte dos professores da nossa disciplina de Estágio foi de extrema importância, pois nos davam força e nos ajudavam a enxergar um universo de possibilidades de como poderíamos explorar essa outra nova experiência, e como cada processo que estávamos passando nos ajudavam a construir nossa identidade docente.

Em momentos como estes é que vemos, diante dos nossos olhos, como nós, professores em formação, somos importantes e fazemos a diferença na vida de cada aluno. Ao vermos os nossos professores nos incentivando, apoiando, dando todo o suporte necessário; e isso nos acalentando, trazendo um conforto; nos reforça a importância de sermos presente na vida de cada educando, sabendo que uma palavra, ação, podem mudar suas perspectivas, transformando-o as suas vidas para sempre.

Seguindo adiante, no dia 25/05/2021 foi realizado, via *Google Meet*, uma reunião entre os professores de estágio, acadêmicos e os docentes que fariam a nossa inserção dentro da escola. Nesse dia, foi-nos explicado a dinâmica das nossas atividades, a localização da escola e o que poderia ser feito (dentro das limitações do tempo).

Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer melhor sobre os nossos 2 mediadores, sobre suas formações, primeiras experiências e como estavam lidando com essa nova realidade e o amparo que os órgãos públicos estavam dando aos educadores nesse período.

Assim sendo, o professor da nossa disciplina nos informou sobre a divisão dos acadêmicos para cada professora da escola e pediu para que nós entrássemos em contato com eles(as) para darmos início no acompanhamento das suas respectivas turmas.

Com isso, entrei em contato com professora do 1º ano do ensino fundamental I (professora que ficou responsável de fazer minha mediação com a turma), apresentei-me e coloquei-me disposta para auxiliá-la nas atividades e no que fosse preciso. Logo no início, o contato foi um tanto quanto tumultuoso, pois ela aparentava não saber tanto sobre a chegada de novos estagiários nesse período, mas informou-me que procuraria mais informações acerca desse assunto e entraria em contato.

Esse período de espera que precisei passar até a professora entrar em contato comigo com novas informações, configurou um sentimento de insegurança, incertezas e medo sobre o estágio remoto. Parece que, quando se é professor, você vive o dobro, você sente o triplo; é

sempre tudo multiplicado. Ou será isso tudo efeitos da pandemia? Talvez, mas até hoje me sinto da mesma forma quando passo por determinadas situações em sala de aula; então, com certeza esses turbilhões de sentimentos é marca registrada do professor.

Foi nesse período que comecei a entender que os maiores desafios não tinham ocorridos somente no Estágio I, mas bem como prestes a ocorrer no Estágio II também. Pois tínhamos uma primeira impressão de que tendo contato com o professor atuante seria mais “fácil” a realização, mas nesse momento atípico, tudo torna-se um desafio.

Essa situação de espera em que me encontrei, essa ansiedade por ter uma resposta por parte da professora, esse imediatismo em que a pandemia fez com que exigíssemos de nós e dos outros; ressalto Nóvoa e Alvim (2021) sobre essa situação dramática em todos os sentidos que a situação atípica nos causou. Os autores afirmam que:

A situação dramática provocada pela COVID 19 obrigou-nos a dar respostas imediatas, urgentes, sem a necessária preparação e reflexão. O recurso indiscriminado ao meios digitais foi a solução possível para manter certa “continuidade educativa”, a fim de não cortar os laços com os alunos e proteger a saúde pública. Todavia, esse não pode ser o futuro (NÓVOA; ALVIM, 2022, p. 12).

Nesse sentido, a situação atípica vivenciada por todos, obrigou-nos a pensarmos rápido e desesperados atrás de soluções imediatas, querendo que as pessoas a nossa volta sempre tivessem as respostas que queríamos sem demoras, sem rodeio. E isso de certa forma implicou até mesmo em nossas relações com os alunos nesse período pandêmico, no intuito e de forma desesperada, para que não cortássemos nenhum laço, para que não houvesse nenhum afastamento de nossa parte e deles(as) também.

Dito isso, aproximadamente 6 (seis) dias após, a professora entrou em contato comigo dizendo que tinha novas informações e sugeriu uma lista de opções do que poderia fazer para contribuir com o ensino das crianças e, conseqüentemente, com o trabalho dela.

Retomo aqui a fala de Carvalho, Grando e Bittar (2008) quando afirmam que estágio é um momento de auto-afirmação, pois, se fechar meus olhos, consigo sentir a sensação de alívio, felicidade ao saber que sim, eu podia colaborar naquele momento com o trabalho da professora, que podia, mesmo que remotamente, agregar na vida das crianças, em uma sala de aula, na escola como um todo.

Essa sensação de ter sua voz sendo ouvida, ter suas ações sendo permitidas é indescritível, consciente e inconsciente nos reafirmamos como professores, como profissionais dispostos a fazer a diferença independente do momento.

Todavia, o dia em que a professora me retornou antecedia o início das férias dos alunos e, por esse motivo, as atividades ficariam para serem executadas apenas no retorno do recesso.

Porém, enquanto isso, a docente me explicou como funcionava a dinâmica das atividades remotas, a organização, a frequência diária das crianças, as atividades, correções e o acompanhamento de uma maneira geral.

Ao passo que ela me explicava, ficava anestesiada ao ouvir cada palavra dita, a maneira como estava sendo orquestrada cada aula, cada mensagem aos alunos, correção das atividades. Isso, acrescentando a situação dos alunos que também não conseguiam acompanhar as atividades de forma remota, por conta da sua vulnerabilidade social.

A professora relatou ter criado um grupo no *WhatsApp* com os pais dos seus alunos, em que ela disparava as orientações iniciais todas as tardes da disciplina que seria trabalhada, como seria feito, qual seria a página da apostila para realizar a atividade; e dava um tempo para que os pais se manifestassem no grupo, caso tivessem alguma dúvida.

Além disso, por se tratar de uma turma que está em processo de alfabetização, a professora relatou que, sempre que podia, se deslocava até a escola em dias previamente combinado com os pais, para que eles levassem os alunos(as) para que fosse possível, na medida dos limites, ajudá-los nesse processo de alfabetização, pois sabemos que é um momento que exige, mais do que nunca, que o educador acompanhe o educando diariamente, que tenha um atendimento individualizado para cada um, que respeite o processo de ensino-aprendizagem deles.

Dessa forma, Nóvoa e Alvim (2021, p.8), que afirmam: “A escola, com todos os seus defeitos e limites, é ainda uma das poucas instituições que pode proteger os mais pobres e vulneráveis”. Dito isso, percebemos na prática a importância da escola na vida de cada educando, que vai muito além de um local de ensino; configurando-se um local de acolhimento, de aceitação, de partilha, onde sempre os alunos devem encontrar um refúgio, alguém que os entenda.

Por conseguinte, nesse período de recesso dos alunos fiquei auxiliando a professora na organização das atividades que ela passaria no retorno, me pediu ideias de atividades e para eu compartilhar minhas experiências docentes no processo da graduação. Lembro-me perfeitamente nesse dia em que ela pediu para que eu contasse as minhas experiências e como eu estava me sentindo sobre toda essa situação em que estava acontecendo o estágio. Com toda a certeza, foi um momento em que eu me senti livre, livre para dizer o que eu estava sentindo, pensando, dizer minhas expectativas e inseguranças.

No processo formativo de cada profissional, consolida-se de suma importância o estágio como também um momento de decisão sobre o ingresso – ou não – na carreira docente do professor em formação. Dentro dessa concepção, Carvalho, Grando e Bittar ressaltam que:

É de se reconhecer também que o estágio é um período em que ocorre uma orientação para a tomada de decisão sobre o ingresso ou não na carreira docente, uma vez que explicita as diferentes faces da escola e da profissão, reafirmando tanto o posicionamento daqueles estudantes que pensavam em exercer a docência, quanto dos que a desejavam e ao mesmo tempo se ludibriavam, acreditando que aquele momento do Estágio seria apenas mais um a ser vencido (CARVALHO, GRANDO e BITTAR., 2008, p. 134).

Dentro dessa ideia, o estágio também é visto como um divisor de águas, um momento em que cada detalhe é visto e considerado por nós, professores em formação. O acolhimento, a maneira que somos vistos e tratados implicam muito sobre a nossa experiência e muitas vezes sobre a nossa tomada de decisão.

Diante dessa concepção, Pimenta, Pinto e Severo (2021) reforçam que:

Os estágios aproximam o currículo a realidades que fornecem elementos fundamentais para identificação do(a) pedagogo(a) com seus âmbitos de atuação, lhe possibilitando a emergência de indagações sobre possibilidades de produção e de mobilização de saberes, tendo a pesquisa do contexto educativo como fio condutor na lógica do conhecer para intervir e transformar (PIMENTA; PINTO; SEVERO, 2021, p. 64).

Logo, o estágio configura-se como uma etapa importante no processo de formação docente. Todavia, essa importância deveria ser do conhecimento de todos, pois, apesar do estágio ser esse processo que auxilia no desenvolvimento do futuro professor, muitas vezes torna-se um processo frustrante por parte de quem vive.

Arrisco a dizer que a universidade poderia elaborar estratégias para que a chegada dos acadêmicos no seu local de estágio fossem uma experiência completa. Ou seja, que pudesse haver ciência por parte da comunidade escolar, da importância e papel da chegada dos estagiários.

Dessa forma, enquanto professora em formação, a maneira em que fui tratada inicialmente fez com que meu estágio tivesse início de uma maneira leve, que desde o primeiro momento já me trouxe uma aprendizagem significativa pelo que eu estava vivenciando.

Nesse percurso também consegui compreender de forma ainda mais clara a responsabilidade triplicada do educador em tempos remotos, o quanto passamos a trabalhar fora do nosso horário, redobrar nossa atenção e procurar conhecer ferramentas metodológicas para que servisse de auxílio naquele período. Tudo aconteceu tão depressa, tão rápido, fomos tomados por uma sobrecarga e excesso de informações e de conhecimentos que foi necessário aprender rápido, absorver rápido.

Com relação a essa mudança abrupta que tivemos que passar para nos adaptarmos e inserirmos a tecnologia como principal meio de interação e educação com os nossos educando. Nóvoa e Alvim (2021) afirmam que:

Hoje, não é possível pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à “virtualidade”. Vivemos conexões sem limites, num mundo marcado por fraturas e divisões digitais. É preciso enfrentar com lucidez, e coragem, essas tensões: entre um empobrecimento da diversidade e a valorização de diferentes culturas e modos de viver; entre uma diminuição da privacidade e da liberdade e a afirmação de novas formas de democracia e participação; entre a redução do conhecimento ao digital e a importância de todo o conhecimento, humano e social (NÓVOA; ALVIM, 2021, p. 3).

Partindo dessa concepção, agora, mais do que nunca, não é possível pensar na educação sem pensar em um celular, um *notebook*, sem um acessório digital. Na pandemia, o meio digital tornou-se a única via para a educação – tentando – cumprir seu papel para mediar o conhecimento.

Em contrapartida, também nos separou, reafirmou barreiras e comprovou ainda mais o quanto, para lutarmos por uma educação igualitária, precisamos estar juntos, frente a frente, ouvindo, falando, acolhendo, abraçando.

Educação se faz com força, com vontade, nas entrelinhas do dia a dia, no sorriso que a gente oferta ao colega, no bom dia em que falamos pela manhã uns aos outros. É no lanche em que os alunos dividem. A educação acontece dia após dia e no acaba no pôr do sol. Seguimos na luta de não tentar não ceder sempre ao imediatismo.

Adicionalmente, a educadora também relatou passar por dificuldades em ministrar aula de forma remota, pois o 1º ano do ensino fundamental configura-se como a transição da educação infantil para o ensino fundamental, o processo de mudança do “lúdico”, “mundo colorido”, para um segmento em que nem sempre possui a ludicidade a qual as crianças estavam acostumadas. Em relação a essa transição, Quinteiro e Carvalho (2012) afirmam:

tanto na educação infantil como nos anos iniciais é notável há limitação do tempo de brincar. Confirma-se, de certo modo, a “tradição” que ocorre na transição da criança da educação infantil para os anos iniciais com relação à diminuição progressiva da atividade lúdica ou, em outras palavras, o distanciamento das brincadeiras em nome das aprendizagens dos conteúdos (QUINTEIRO; CARVALHO, 2012, p. 203).

Desse modo, o ensino presencial já carrega consigo os desafios da transição das crianças para um novo segmento e requer por parte dos professores estratégias para que ocorra uma melhor adaptação. Logo, essa mudança em meio a um ensino remoto torna o caminho mais tortuoso ainda e muito mais prolongado o período de adaptação levando mais tempo do que o esperado.

Ademais, os desafios são redobrados quando lembramos que no 1º ano do Ensino Fundamental também dá-se o início do processo de alfabetização e enquanto professora em formação algumas perguntas ecoam sobre minha mente: “como é possível ocorrer um processo de alfabetização remotamente de modo significativo?”, “quais as metodologias necessárias para alfabetizar de modo virtual?”, “como poderá ocorrer um ensino individualizado com a não – interação que se faz necessária assim como era em sala de aula”.

Chegamos à conclusão de que a situação é mais cruel do que conseguíamos imaginar, ver e sentir. No período em que tudo isso aconteceu, conseguia ter a dimensão da situação, mas com o passar do tempo, de outras vivências, do contato com outras pessoas, nossa visão de mundo é ampliada e conseguimos enxergar o quão cruel a situação se deu para os alunos.

Esse é o momento em que sinto e penso em dobro e me tomo por pensamentos que ecoam sobre a minha mente tentando imaginar como esses alunos estão agora? O que aconteceu com eles? eles conseguiram aprender de forma significativa? Em quantos e quantos momentos não se sentiram sozinhos? Perdidos entre cadernos e apostilas em casa?

Tenho a ciência de que não posso e nem devo remoer situações já vividas, já passadas, mas nós, professores, fomos acostumados dentro de um contexto em que sempre temos que dar conta de tudo, quando não conseguimos de modo efetivo; ficamos exatamente desse forma, a refletir e refletir.

Ao vivenciar um estágio remoto com a mediação de uma professora em campo, percebo a necessidade de as instituições públicas investirem em formações continuadas para todos os professores, principalmente no que se refere aos educadores e pedagogos, por justamente pensar numa aprendizagem significativa na alfabetização e nos demais contextos da formação humana, que mesmo em tempos remotos, as crianças consigam manter uma interação com o seu meio, em busca de uma educação que atenda a todos de modo justo. Posto isso, Pimenta, Pinto e Severo (2021) nos trazem a seguinte concepção:

A finalidade da pedagogia é oferecer aos (às) educadores (as) perspectivas de análise para compreenderem a formação humana em contextos históricos, sociais, culturais, institucionais (incluindo de si mesmos) como profissionais, nas escolas ou em quaisquer outras modalidades ou espaços educativos nos quais se insiram para neles intervir, transformando-os. Daí decorre ser fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o exercício profissional ocorre e de como, nessas condições, é produzida a negação da aprendizagem emancipadora (PIMENTA; PINTO; SEVERO, 2021, p. 43).

Sendo assim, o ser pedagogo e o ser professor é um constante movimento, movimento por uma educação mais justa, uma luta por uma educação e conseqüentemente aprendizagem emancipadora. É necessidade de prosseguir sempre em direção a formações continuadas, refletir sobre a prática diariamente, mas também proporcionar meios para que os educandos

também tenham essa possibilidade de ser e agir como um indivíduo de opiniões e vontades. Ser pedagogo é compreender o ser humano em sua forma integral, sempre levando em consideração a sua bagagem social, cultural, emocional, que implica em quem ele(a) é hoje. Educar é compreender além dos espaços educativos formais.

Adiante, Como dito nos parágrafos anteriores, além dos impasses que a professora contou em relação as dificuldades enfrentadas para dar as suas aulas, afirmou também que uma das principais dificuldades que os alunos possuíam era em acessar *internet* / imprimir atividade; a situação de uma parcela das crianças é de vulnerabilidade social; logo, em muitas atividades não havia a presença de todos.

De acordo com a UNICEF (2020), três a cada dez crianças em idade escolar estavam sem acesso ao ensino remoto durante a Pandemia. O índice representa 463 milhões de crianças em todo o mundo. A maior parte (72%) é de famílias pobres.

Devido a esses indicadores, havia uma necessidade em se criar estratégias para que esses alunos pudessem ter tido as mesmas oportunidades de ensino que as outras. É inegável que o ensino remoto foi uma saída em tempos de pandemia, porém, não suficientemente eficaz.

Relatando sobre toda a situação, a professora falou que precisava de alguma forma possibilitar meios e a maneira mais acessível que achou em ajudar seus alunos, foi escolhendo 1x na semana para estar presencialmente na escola para a correção dos cadernos / livros, tirando as dúvidas, e a escola disponibilizando materiais para que as crianças pudessem imprimir suas atividades.

Avançando em minhas narrativas, chego aqui, particularmente, na parte em que eu mais gosto de relembrar, me faz sentir novamente uma sensação de que estou efetivamente sendo importante, fazendo parte do processo. Ao longo da nossa conversa, a professora que eu acompanhei me perguntou se eu já conhecia a escola, se sabia a localização, o bairro. Afirmar que não, que tudo era novo para mim, inclusive nunca tinha ao menos passado perto da escola.

Após minha resposta, a professora se prontificou, para quando eu pudesse, dependendo da disponibilidade e tendo a autorização dos professores da disciplina de Estágio, eu estivesse indo visitar a escola, que ela me mostraria o entorno da instituição, a parte interna, as salas de aula, a sua sala de aula em específico, e se tivéssemos a oportunidade eu também poderia acompanhar uma tarde em que ela recebesse alguns alunos na escola.

Todavia, em nenhum desses convites pude estar presente por conta, de fato, da situação vivenciada na época; mas esse momento de ter um espaço, de saber que uma professora que estava tão ocupada e ainda tentando se adaptar, e mesmo assim dispondo do seu tempo para mim; teve tanto significado, que mesmo passado 1 ano, não esqueci em nenhum momento.

Quando falamos em inspiração, em inspirar pessoas, fazer a diferença em cada indivíduo que na nossa vida adentrar, é exatamente disso que eu estou falando. Esse é o real sentido da docência.

Durante nossa conversa, a professora tanto escrevia, como mandava áudios explicando e detalhando como era a escola, mandou-me algumas fotos dos eventos que eram de costume acontecer – antes da pandemia – compartilhou comigo quais eram as suas maiores dificuldades em sala de aula antes mesmo da pandemia, os bons momentos vividos e até o que estava pretendendo fazer quando tudo isso acabasse.

Ao final dessa nossa conversa inicial, consegui perceber o quanto eu realmente deveria estar aonde deveria estar, o quanto ficou claro que aquela conversa que tivemos, na verdade, intrinsecamente foi um desabafo, um momento em que aquela professora pôde conversar com alguém "diferente" ouvir e ser escutada.

Revivendo essa memória me vejo a ficar encantada como somente à docência é capaz de quebrar barreira, nos permitir conhecer pessoas que até então nem poderíamos imaginar. A pergunta que deixarei, pode ser que não tenha resposta ou tenham inúmeras repostas, mas vale a reflexão: qual é a dimensão da docência? Qual é a dimensão da sua docência?

Com o retorno do recesso dos alunos, a ansiedade bateu, o coração acelerou, as mãos gelaram, por um momento tudo virou de cabeça para baixo. E lá estava eu, novamente, tendo a oportunidade de me aproximar da sala de aula. E tudo bem que ela no momento tenha sido virtual, eu estava com vontade de vê-los, olhar para cada aluno, saber quais são os seus nomes, como estão? O que fizeram no recesso? Será se serei aceita? Muitas perguntas para pouco tempo. E tudo bem também, sempre fui muito ansiosa, agitada. É marca de professora. Marca eterna.

No primeiro dia em que eu acompanhei a professora oficialmente, ela já havia me inserido 1 dia antes no grupo do *Whatsapp* da turma. Quando iniciou o horário da aula (às 13hs) ela me comunicou que me apresentaria assim que desse as boas vindas. E assim o fez, iniciou passando as informações como sempre fazia e em seguida disse aos pais que tinha uma professora nova no grupo que chegou para somar e que qualquer dúvida também poderiam falar comigo.

Professora. Sim, professora. Talvez, para muitos essa ação de ser chamada por professora não tivesse que ter tanta emoção, mas para mim, teve. Sempre fui de comemorar todas as vitórias, todas as situações que me faziam e fazem sorrir. Ser chamada de professora por outra professora também é uma delas.

Em alguns momentos da narrativa, como esse agora, me vejo carregada de sentimentos, de falas ditas e outras que ainda não disse; aos leitores, peço que não cansem dessas emoções a flor da pele, eu sempre quis escrever sobre cada detalhe vivido. Minha docência, minha experiência são baseadas em todas essas experiências e emoções. Sempre foi exatamente dessa forma entre sorrisos e lágrimas, leveza e dificuldade, e talvez mais um pouco de lágrimas. De fato, eu me emociono muito rápido.

Prosseguindo, a professora explicou no grupo qual seria a disciplina trabalhada no dia, sinalizou a página das atividades que deveriam ser realizadas na apostila, e gravou áudios explicando de forma introdutória sobre o assunto e como deveria ser feito cada exercício. A professora preferia sempre explicar tudo que precisava em áudio, pois sabia da realidade de cada família; tinha a ciência de que a alguns pais não sabiam ler, e outros alunos eram criados pelos avós que por conta da idade tinha dificuldade na leitura. Logo, o áudio era a saída mais justa.

Ademais, antes de prosseguirmos, vale ressaltar quanto a estrutura física da escola e sua composição, pois fomos tomados rapidamente por uma situação em que tivemos que substituir as cadeiras, lousa da sala de aula, pincel; por aparelhos eletrônicos, que muitas vezes esquecemos do real valor – visual – da escola que tanto nos acolhe diariamente.

Dessa forma, a escola dispõe de uma ampla estrutura para comportar os alunos, dentre eles: 12 salas de aula, refeitório, quadra, biblioteca, laboratório de ciências, laboratório de informática, auditório, pátio, sala dos professores e um espaço para a recreação dos alunos.

A escola referida atende os anos iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), com 322 alunos, os anos finais do ensino fundamental II com 237 alunos e por fim, também atendendo a EJA com 137 alunos com a matrícula efetiva. No atual momento, encontra-se em sua totalidade 786 alunos matriculados regularmente.

O grupo formado é constituído por 3 professoras do 1º ano do Ensino Fundamental I, por conta pandemia e vendo a necessidade dos alunos as professoras dividiram algumas disciplinas entre si para que pudessem alcançar e ajudar o maior número de alunos possíveis.

Logo, a primeira professora ministra as seguintes disciplinas: língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Ensino Religioso, Artes e Educação Física. A segunda Professora ministra somente a disciplina de ciências e a terceira ministra os conteúdos de história.

Além disso, vale ressaltar que a Pedagoga, Bibliotecária, e a Gestora da escola participam do grupo juntamente com as Professoras e os responsáveis dos alunos(as) para auxiliar no que for necessário, ajudando também a atender a demanda do grupo.

Com isso, as Professoras mantinham uma organização para ministrar suas aulas diariamente. Na segunda-feira (13hs - 15h) era ministrado as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, (15hs - 17hs) Geografia e Ciências, posteriormente nos demais dias da semana as professoras revezam na troca de horários, mas percebe-se que independente do dia, as disciplinas de Língua Portuguesa eram ministradas todos os dias e sempre no primeiro horário (13hs).

Outra observação que vale a ressalva; ao iniciar as aulas diariamente, as professoras mandavam figurinhas – *stickers* com as próprias fotos, sinalizando a disciplina que seria realizada naquele dia e sempre saudando os alunos e desejando-lhes “boa aula”, “bons estudos”; palavras de incentivo e motivação em um contexto geral. A professora conta que essa era uma das maneiras mais próximas que ela havia criado para que os alunos, mesmo remotamente, sentissem que ela(as) estavam presente, se importavam com cada um deles.

Como dito nos parágrafos anteriores, a professora sempre coloca as orientações iniciais ao iniciar de cada aula, para que o momento seja o mais proveitoso e organizado possível, Dentre as orientações passadas: Os responsáveis deveriam clicar no link disponibilizado na descrição do grupo do *WhatsApp* que o link direcionaria o responsável para o *Google Forms*, local onde deve ser preenchido a frequência da criança (diariamente); indicação das duas primeiras (ou duas últimas) disciplinas do dia para que os pais sempre estejam cientes de quais disciplinas serão trabalhadas naquele dia; descrição da atividade, ressaltando os números da páginas e quais questões deverão ser realizadas, solicitação de fotos das crianças realizando a atividade; e ao final da atividade que as crianças tirem foto segurando a atividade realizada.

Adicionalmente, os pais e/ou responsáveis recebiam orientações a enviarem as atividades somente no privado de cada professor da disciplina, e a professora sempre se colocava à disposição mandando mensagem de um por um, para que tanto os alunos, como os pais se sentissem acolhidos e tirassem suas dúvidas sempre que necessário.

Dessa forma, no primeiro dia de volta as aulas acompanhei a professora durante as suas orientações, e foi como dito anteriormente, ela me apresentou e em seguida passou as atividades do dia. Ao finalizar as orientações e apresentação, me chamou para corrigir algumas atividades que estavam pendentes e falou que todas as atividades que seriam entregues pelos alunos naquele dia, ela repassaria para mim, para que eu pudesse corrigir e entender como funcionava a dinâmica.

Assim, ao receber as primeiras atividades, seguidamente perguntei a professora como ela estava corrigindo e realizando esse processo, que de tal forma era novo para mim. Surpreendentemente, ela me deixou fazer da maneira em que eu achava poderia ser melhor para

as crianças, e assim que eu finalizasse, entregaria à ela e conversaríamos e trocaríamos ideias de como o trabalho poderia melhorar ainda mais.

Particularmente, gostei da ideia e fiquei surpresa pela confiança inicial em que ela depositou a mim. Essa situação só reforçou o que já estava em mim há tempos: que eu quero ser a Professora Emmanuelle, a Pedagoga Emmanuelle que inspire confiança aos meus pares, que eu seja um instrumento facilitador de vidas, que eu faça diferença e ajude a construir ponte tanto com os meus educandos, quanto pelos professores em formação que um dia passarão por mim e também precisarão desse apoio, dessa acolhida; de ter alguém que acredite neles, que deposite a confiança nos mínimos detalhes; nos locais em que a maioria não observa, mas nós observamos, nós sempre observamos.

Logo, pensei em uma maneira de corrigir as atividades de modo em que todas as crianças conseguissem sentir que cada atividade sua foi valorizada, observada com atenção e tenha sido significativa para nós – professores – que estávamos corrigindo. Lembrei-me do que a Professora havia dito, que usava *stickers* coloridos, infantis e com frases motivacionais; e com isso fiz o meu primeiro movimento, pesquisei de que forma era produzido esses *stickers* e eu mesma fiz os meus, separei em pastas para utilizar com cada aluno em específico.

Em seguida, a medida em que eu recebia os trabalhos pela Professora, eu fazia o processo de impressão de cada foto das atividades para que eu conseguisse visualizar melhor e corrigir de uma maneira clara. Ao finalizar todas as impressões das atividades que me foi enviada, corrigi página por página, fazendo desenhos coloridos para sinalizar que eu tinha gostado da atividade, colocava figurinhas de incentivo, fiz anotações de canetas coloridas reafirmando o quanto eu tinha adorado fazer a correção de cada questão que eles fizeram.

Após todas as correções, fiz o processo de *scanner*, transformando as correções em PDF e juntei cada atividade com *stickers* adequado para mandar a cada aluno. A descrição é simples, não tem muita colocação sobre, mas sem dúvidas o processo foi demorado; pois apesar de parecer tranquila, exigiu todo um cuidado a ser feito. Independente do momento, da maneira, da condição que nos foi posta; devemos sempre ser fiéis ao nosso compromisso com o educando, tudo que pudermos fazer direta ou indiretamente para que eles(as) se sintam bem, devemos fazer.

Ao finalizar a organização, encaminhei tudo à professora para que ela pudesse verificar se estava de acordo ou similar com o que ela costumava fazer. E sim, com algumas modificações, mas a essência era a mesma que ela já fazia com os alunos; lembro-me nesse dia que ficamos conversando à respeito disso e até mesmo nos questionando como os alunos sentiam-se quando recebiam a devolutiva das atividades.

Será que conseguíamos transparecer a alegria nas correções? Será que de fato estávamos conseguindo atingir nossos objetivos? São perguntas que com certeza me faço até hoje, mas também há inúmeras perguntas que me faço todos os dias desde que comecei na carreira docente. Logo, essa pergunta foi mais uma que sem dúvidas, entrou para a lista. Professores e suas manias de quererem sempre saber de tudo, entender; abraçar o mundo.

Com o passar dos dias, comecei a receber mensagens dos pais dos alunos pedindo ajuda nas atividades, me enviando atividades; bem como também relatando as suas dificuldades em auxiliar seus filhos(as). Recordo-me de um relato muito emocionante, particularmente, em que uma tia de um aluno que o ajudava nas atividades, me gravou um áudio dizendo que não sabia o quanto nós éramos importantes e o tanto que fazemos falta no dia a dia; e que quando ela tivesse oportunidade de retomar e finalizar os estudos, gostaria de ser professora, para ajudar outros alunos também.

Esse episódio, notavelmente internalizou dentro de mim, e indica o reflexo do pensamento de muitos familiares em relação a escola e aos professores, de que temos o nosso valor, mas não conseguem ter a real concepção da importância que temos no dia a dia em sala de aula; e de certa forma até compreendo, o processo de desconstrução é diário, ninguém nasce sabendo de tudo, aprendendo de tudo, nem todas as pessoas possuem a oportunidade conhecer pessoas que estendam a mão, que possibilitem caminhos, que compartilhem ideias e opiniões.

Então, sempre que ouço ou fico sabendo de relatos como esses, uso sempre de motivação para dia após dia, com trabalho de formiguinha, possibilitar caminhos não somente aos educandos, mas aos familiares desses alunos. Na verdade, em sua essência, esse deve ser o papel do professor, nossa responsabilidade não acaba da porta para fora da sala de aula. Educação é partilha com a comunidade escolar; é falar e escutar.

Mais a frente, continuei a acompanhar o trabalho da professora e fiz a proposta de que se ela poderia me disponibilizar um dia, para que eu pudesse gravar uma aula sobre um tema previamente acordado com ela, para contribuir com o trabalho e conseqüentemente com a aprendizagem dos alunos. Ela aceitou e perguntou se poderia trazer sugestões de assuntos e de como poderia ocorrer.

A educadora sugeriu que eu gravasse uma aula (pois ela não tinha afinidade com as câmeras, e ainda estava aprendendo a manusear esses tipos de equipamentos) sobre gêneros textuais, de que se possível, mostrasse aos alunos sobre cantigas populares, trava-línguas, quadrinhas populares, que era o que ela planejava realizar com os alunos antes de tudo acontecer.

Na hora em que ela sugeriu que eu gravasse uma aula, meu coração gelou, ansiedade bateu, timidez gritou que faltou apenas saltar para fora, mas eu sabia que eu precisava passar por isso, mais uma vez, (também gravei aula na disciplina de Estágio I) e tinha a consciência e responsabilidade do meu papel como professora e pedagoga em formação. A responsabilidade de proporcionar aos educandos um universo de possibilidades e troca de conhecimentos não deve emergir apenas ao término da graduação; são deveres que devem estar claros, nosso compromisso com a Educação exige constância.

Ao preparar, planejar as aulas, organizar os materiais foi um movimento alegre e bem tranquilo, só consegui pensar o quanto aquilo seria uma nova experiência e oportunidade de deixar a minha marca, a minha contribuição à professora e seus alunos.

Então, depois de finalizar o planejamento, iniciei com as tentativas de gravações; as primeiras não foram bem sucedidas, nada parecia ficar bom, em alguns momentos o problema era a iluminação, em outros eram os barulhos externos, o cenário montado que soltava e caía e em outras situações o problema era eu mesma que travava em frente às câmeras.

Gradualmente, o desespero começou a tomar conta, achava que não ia conseguir gravar, que nada daria certo, que não conseguiria atingir meu objetivo. Naquele momento comecei a sentir na pele (novamente) o que os professores estavam sentindo há 11 (onze) meses consecutivos. Aqui, agora, deixo registrado a minha admiração ainda mais por todos os professores do país, que lutaram bravamente durante esse período e continuam a lutar, vencendo os seus medos, as suas inseguranças, os seus próprios fantasmas que muitas vezes nem sabíamos que existia, mas estavam lá, o tempo todo estavam lá.

Quando eu já estava exausta, desanimada e caminhando para as minhas últimas tentativas, tudo começou a fluir, os barulhos cessaram, a iluminação estabilizou, o pico de ansiedade e timidez foram embora mesmo que temporariamente, e consegui concluir com êxito a gravação do vídeo. Que alívio em poder contar isso, que alegria em saber que eu, assim como os outros professores que passaram por isso também conseguiram. Sim, eu definitivamente entrei para a lista dos que conseguiram.

Finalizando as gravações, me dediquei a editar, nunca havia editado nenhum vídeo foi a minha primeira vez e primeira tentativa também. Inicialmente, fiquei perdida e não sabia ao menos onde clicar para adicionar uma capa ao vídeo, mas ao longo das horas fui conseguindo – no meu tempo – editar do jeito que eu achava que ficaria divertido e chamaria a atenção dos alunos.

No dia seguinte, com tudo organizado e editado, mandei todo o material para a professora horas antes da aula, para que ela pudesse avaliar e autorizar o envio. Assim que

mandei, ela verificou e autorizou o envio na hora da aula; estava bem nervosa pois seria a primeira vez em que eu seria a primeira pessoa a interagir no grupo, mas como sempre, a professora foi me motivando dizendo que a minha contribuição tinha sido fundamental para ela, e sem dúvidas seriam para os alunos também.

Chegado o horário, mandei as orientações iniciais como de costume, tanto em áudio quanto em mensagem, e enviei a minha aula, disponibilizei as atividades que organizei e me deixei a disposição para tirar quaisquer dúvidas.

Após alguns minutos comecei a receber mensagens dos pais para tirar as dúvidas em relação as atividades; e para a minha alegria, também comecei a receber elogios em relação a aula e vídeo de alguns alunos que gravaram agradecendo e me enviaram; e outros em que os pais gravaram os alunos cantando as músicas em que eu havia cantado na aula gravada.

Confesso que, lembrar e não emocionar é uma tarefa que nunca consigo cumprir. Ver com os seus próprios olhos que tudo deu certo, que você conseguiu contribuir de alguma forma com a aprendizagem, alegria de cada educando, é um dos melhores sentimentos dentro da nossa profissão. Se eu pudesse desejar a cada pessoa que um dia ainda lerá esse trabalho, é: que vocês possam ter a oportunidade de serem abraçados, acolhidos e valorizados. Que em suas vidas tenham pessoas e momentos que tragam experiências únicas. E o principal: que você, professor, possa fazer diferença na vida de cada educando que você adentrar.

Mais uma vez, repito, eu realmente precisava estar no local em que eu estava, eu precisei vivenciar tudo isso, precisei sentir cada alegria, insegurança, incerteza, dor que o momento proporcionou; não foi fácil, nesse exato momento quase não consigo – ainda – escrever tudo o que eu vivi e senti e talvez demore muito anos para conseguir me expressar da maneira em que realmente precisa, mas deixo aqui, marcado, a minha vivência, a minha experiência. A dor e a alegria de ser Professora e Pedagoga.

### **2.3 Vivências do Estágio Supervisionado III presencial/ pós pandemia**

O Estágio Supervisionado III foi realizado em formato presencial, pois tivemos como respaldo a Portaria Normativa 002/2021 da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em seu Art. 1º, Inciso IV, ressalta que “o componente curricular estágio obrigatório poderá ser realizado presencialmente ou não, considerando as especificidades de cada área de formação”.

E conforme o Decreto nº 5.126, de 20 de agosto de 2021, que “dispõe sobre o retorno das atividades presenciais no âmbito da Secretaria Municipal de Educação (SEMED)”

(MANAUS, 2021); ou seja, de acordo com a Portaria Normativa e o Decreto nº 5.126, estávamos aptos para organizarmos as nossas idas às escolas.

E com relação ao Projeto Político Pedagógico (PPC, 2017) da UEA, no que se refere ao Estágio Supervisionado III, o documento afirma, que:

As Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia ensejam a formação de um profissional capaz de enfrentar problemas referentes à prática educativa em suas diferentes modalidades, que consiga investigar e produzir conhecimentos sobre a natureza e as finalidades da educação num determinado momento e contextos históricos. Atualmente, priorizam-se a formação do gestor, do pedagogo e dos licenciados atentos às múltiplas realidades nas quais estão presentes as práticas educativas (PPC, 2017, p. 172).

Ainda segundo o documento:

As Diretrizes Curriculares para os cursos de Pedagogia, no Art. 3º, enfatizam 175 que: “O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética” (PPC, 2017, p. 175).

O Estágio Supervisionado III ocorreu de forma presencial conforme a Portaria Normativa 002/2021, dita no início. Lembro-me como se fosse ontem, a sensação de ter recebido essa notícia, que saudades em que eu estava de pisar em uma sala de aula de uma escola pública, em um chão onde diariamente tudo acontece. Onde você ouve risadas, conversas, reclamações, lamentações. Lugar de partilha, de troca, de emoção atrás de emoção.

A carga horária da disciplina foi cumprida de forma remota, como já era o acordado, mas agora, finalmente, podíamos sentir o cheirinho da escola, da educação, do ambiente em que tudo faz sentido, onde podíamos, finalmente – tentar, aos poucos – retomar a normalidade.

No início das minhas primeiras narrativas de estágio supervisionado I e agora, prestes a narrar o meu estágio III, percebo a minha evolução, transição, o meu crescimento. A mudança da Emmanuelle Mulher, Professora e Pedagoga; da profissional que foi se desenvolvendo ao longo do processo formativo do estágio, dos obstáculos enfrentados, das pessoas em que conheci, lugares que visitei. Se me dissessem no início que eu me tornaria quem sou agora, certamente não acreditaria.

Inclusive, chego aqui com muitas concepções sobre mim mesma que devem ser trabalhadas, e uma delas é a insegurança. Talvez ainda sejam resquícios de tudo que aconteceu e até do que não aconteceu, mas reconhecendo a falha, sei que posso melhorar.

Além disso, logo nos primeiros parágrafos quero deixar desde já, registrado toda a minha admiração e ternura por quem tanto nos acolheu e nos fizeram crescer durante todo esse processo: os professores da disciplina. Professor Dr. Raimundo Sidnei e Professora Dra. Célia

Bettiol, vocês foram nosso alívio e nossa âncora nos momentos de desespero, indecisões e medos. Não tinha a menor possibilidade de deixar de agradecer a vocês logo aqui.

Início aqui uma nova história, um novo olhar, uma nova pedagoga. Sim, também uma pedagoga, uma pedagoga que se construiu nesse processo formativo, de uma pedagoga que as vezes se sente mais professora, mas sei que isso também faz parte da minha evolução, é tudo no meu tempo, a minha construção.

O Estágio III, o início do fim? Ou o fim de um novo começo? Talvez os dois. Uma junção deles. Iniciamos a disciplina com a certeza que dessa vez já retomariamos ao presencial; tomando todos os cuidados e seguindo os protocolos de saúde, poderíamos seguir para as escolas, conhecê-las, ver o rosto dos alunos, dos professores, dos funcionários e da comunidade escolar no contexto geral.

É nessas horas que você sente que na escola é o seu lugar, que aquele espaço te completa, te faz bem, te faz ter vontade de continuar, de nunca desistir. Acredito, veementemente, que conseguir ter realizado essa etapa de forma presencial salvou muitos profissionais em formação, salvou meus colegas e a mim também. Reforçou o nosso lugar de luta e voz. Nos lembrou, mais do que nunca, porque escolhemos o curso, e o motivo de ter chegado exatamente aqui.

Prosseguindo, iniciamos nossas aulas com a notícia e orientações gerais de como seriam as nossas idas até às escolas. Dentre as opções, a escola escolhida por mim, tinha um grande quantitativo de estagiários, pois localizava-se em um ponto central a todos.

Dessa forma, fomos divididos(as) em 2 grupos para evitar aglomeração na escola. Depois de nos organizarmos, começou a nossa ida até a instituição. Ao chegar na escola, me deparei com os meus colegas de turma e antes de iniciar as atividades, conseguimos dialogar como a estrutura da escola mudou de uma maneira geral, olhamos a escola e por muitas vezes nos sentíamos em um espaço hospitalar, em que havia placas por todo lado, totens de álcool em gel. Tudo mudou, nós também mudamos.

Nossa chegada de forma geral foi bem tranquila, esperamos o gestor e a pedagoga chegar até a escola. Quando chegaram, foram receptivos, nos acolheram e realizaram uma roda de conversa para nos conhecermos. Esse momento guardo na lembrança com muito afeto, pois fez com que nos sentíssemos acolhidos e bem-vindos na instituição.

Nessa roda de conversa, bem como todos os outros dias em que também fomos para a escola, dialogamos tanto com gestor quanto com a pedagoga, questões que até então não tínhamos oportunidade de conversar em outras escolas. Dialogamos sobre a importância da escola, a escola em sua essência, a escola que acolhe, que possui uma comunidade de ideias e

culturas diversificadas, uma escola com o objetivo de ser autônoma e tornar os educandos que nela adentram, autônomos(as) também.

Dentro desse contexto trago a ideia de Custódio (2008) que ressalta sobre a compreensão de autonomia dentro de um contexto escolar. A autora afirma que:

A autonomia não pode ser compreendida como uma doação, como um instrumento legal que, por exemplo, “concede autonomia” pedagógica, administrativa e financeira às escolas, a autonomia é uma construção contínua, individual e coletiva de todos os sujeitos pertencentes ao processo educativo (CUSTÓDIO, 2008, p. 3).

Nesse sentido, autonomia dentro da escola, como um ambiente que sempre sonhamos a nós e aos nossos(as) educandos(as) deve ser uma construção diária, em que não somente uma parte da comunidade escolar exerça seu papel coletivo dentro de processo de construção como um ambiente mais justo e democrático, mas que essas atitudes venham de todos(as). Todos que fazem parte da comunidade devem ter a consciência de que o seu papel é fundamental nesse desenvolvimento.

Ao decorrer do nosso processo formativo falamos tanto sobre autonomia, sobre a importância do papel do professor(a) na luta por uma educação humanizada, que por muitas vezes esquecemos (me incluo nessa questão) de que para que todos esses nossos objetivos sejam concretizados(as) precisa haver um diálogo contínuo com os nossos gestores, pedagogos, apoio administrativos, merendeiros, auxiliares de serviços gerais, vigias; todas as pessoas que fazem a escola acontecer. O docente tem um papel fundamental e ativo dentro da busca por autonomia, mas sabemos que trabalhando coletivamente, teremos resultados significativamente expressivos.

Ao longo do tempo, também dialogamos sobre as responsabilidades da gestão dentro da escola, e foi neste momento em que conseguimos notar, que nós profissionais da área da educação somos fortes, confiantes, corajosos, mas também somos inseguros, temos medos, pensamos que muitas vezes é o fim, quando na verdade é o começo.

Ressalto essa questão, pois ouvimos os relatos do gestor e da pedagoga, do quanto eles(as) tinham medo no início de suas carreiras de exercer a sua profissão, de ser o diretor, a pedagoga, e do quanto essas inseguranças vez ou outras ainda os permeiam hoje em dia. Ressalto aqui uma de suas falas ditas durante nossos momentos na escola:

Ser professor, pedagogo, diretor e outras carreiras que a pedagogia nos permite, é muito difícil. Por vezes me sentia e ainda me sinto cansado. No início da minha gestão, eu descreditaava em mim, me sentia cansado, lutando contra o sistema e a favor dos meus alunos, dos meus professores, dos meus funcionários aqui da escola. Ser justo dentro de uma escola, parece que pressupõe arranjar inimigos; barreiras invisíveis começam a se tornar claras e você se assusta, você quer desistir. Na verdade, você fica com muita vontade de desistir. Fui criado por pais professores e eu via a luta deles; e por eles decidi que não desistiria de ser educador que faz e trás justiça pra dentro da escola; que instiga os alunos e toda a equipe a se expressar e deixar todos cientes que

suas ideias são importantes e bem-vinda. Senhores, a caminhada é diária, não desistam, vocês ficarão com vontade, mas não desistam, lutem por vocês, lute pelos seus alunos, lutem por quem faz a escola acontecer e lembrem de nós. Lutem pela gente também. (Gestor de uma escola Municipal da zona Centro Oeste de Manaus).

Toda vez em que eu revivo essa fala, me sinto forte, potente, sinto que posso mais, sinto que não estou sozinha, nós professores em formação não estamos sozinhos(as). Aos leitores(as) que estiverem sentindo-se sozinhos(as) lutando contra a maré; estimo força, coragem, e resiliência para prosseguir. E que tenham a oportunidade de conhecer pessoas, que também estejam nessa caminhada. Nosso dever é coletivo, diário, e exige constância. Ser educador é cair e levantar forte todos os dias.

Trago aqui também a fala da Pedagoga em nossas rodas de conversa, que sem dúvidas nos trouxe reflexões sobre nosso papel dentro das escolas:

Todos os dias tentamos fazer a nossa escola um espaço em que todos se sintam a vontade, que os nossos alunos gostem de vim e que os pais gostem de trazer; não por obrigação mas por entender o que tudo isso significa. Estamos aqui todos os dias para lutar e fazer uma gestão que seja democrática, para ouvir nossos professores, alunos, nossa secretária, nossa merendeira. Lidamos de igual pra igual, sabe gente? Comigo e nem com ele aqui tem frescura, somos simples e o nosso único objetivo é fazer que a nossa escola seja de todos. Gostamos do que fazemos e sei que podemos fazer bem mais, mas dependemos de todos, e estamos todos os dias tentando. (Pedagoga de uma escola Municipal da zona Centro Oeste de Manaus).

Dentro dessa fala, compreendemos e reforçamos o compromisso em reafirmar o papel da escola e o nosso, como profissionais que sobretudo, dentro do espaço escolar sejamos agentes facilitadores de uma gestão democrática, que possamos fazer todos os dias com que a escola seja um espaço em que todos(as) possam expressar-se, não tenham vergonhas de ser e agir como verdadeiramente como são; que exalem a sua cultura, que sintam as suas opiniões sendo levadas em consideração. Que a comunidade escolar tenha poder.

Em se tratando de gestão democrática, retomamos as ideias de Custódio (2008). A autora ressalta, que:

A gestão democrática só acontece dentro da ética do companheirismo, ética esta implica na relação interpessoal, dialógica e solidária. A criação, na escola, de uma ambiência democrática e dialógica, gradualmente ascendente e mais ampla, que envolva a todos os segmentos na definição do seu projeto político-pedagógico e de sua proposta pedagógica, altera a sua dinâmica e o seu fazer cotidiano (CUSTÓDIO, 2008, p. 9).

Nesse sentido, a gestão democrática só acontece quando há consciência da importância e do papel da educação em nossa sociedade; quando ressignificamos todos os dias a nossa missão dentro das escolas, quando entendemos que proporcionar caminhos e oportunidades aos que frequentam é viver verdadeiramente uma educação humanizadora.

Assim, construirmos uma escola autônoma, democrática e justa contribui para que nossos educandos cresçam e sejam indivíduos conscientes de seus direitos e deveres, do seu lugar no mundo, e ter forças para refletir, questionar e lutar pelo que anseiam e incentivar os seus pares com exemplos.

Esses diálogos foram contínuos do início ao fim da nossa estadia na escola. Em alguns dias foram mais longos, outros mais curtos, mas sempre produtivos. Nos dias em que as limitações do tempo não nos permitiam estender nossas partilhas, visitávamos os outros espaços da escola, conhecíamos os demais funcionários e tivemos a oportunidade de assistir algumas aulas dos alunos(as) da EJA.

Recordo-me em que uma das aulas em que participamos, em conjunto, as turmas estavam organizando junto aos seus professores um projeto cultural com o objetivo de os alunos voltarem a interagir com mais frequência (após o retorno para a escola, estavam tímidos, retraídos) e que pudessem expressar e compartilhar as suas habilidades. Não conseguimos acompanhar de maneira assídua esse processo, pois a turma estava um tanto quanto tímidos(as) em nos receber; e por respeito, decidimos por não insistir.

“A escola necessária para fazer frente as realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra exclusão econômica, política, cultural, pedagógica” (LIBÂNEO, 2004, p. 46). Logo, a escola deve ser um espaço em que o aluno se identifique, sinta-se parte dela; em que os educadores criem estratégias para ajudá-los em suas dificuldades, ainda mais se tratando do período em que saímos.

Ainda sobre o papel da escola, Libâneo também afirma:

A escola tem o compromisso de reduzir a distância entre a ciência, cada vez mais complexa e a formação cultural básica a ser provida pela escolarização. O fortalecimento das lutas sociais e a conquista da cidadania dependem de uma ampliação, cada vez mais, do número de pessoas que possam participar das decisões primordiais que dizem respeito aos seus interesses (LIBÂNEO, 2004, p. 48).

Assim, devemos sempre lembrar que escola é lugar de práticas sociais, espaço de luta, de acolher as minorias, de dar vozes a quem é silenciado(a) todos os dias na sociedade; que possamos fazer a escola um lugar de todos(as), um espaço de protagonista(s), ajudando cada indivíduo em busca de serem os autores da sua própria história. Que nossa força cresça e façamos as dos nossos pares crescer também.

Pensei muito em como concluir o ciclo das minhas narrativas, mas cheguei a conclusão de que não há conclusão, há construção. Chego aqui como uma professora em formação forte,

cansada, mas sempre forte. Digo cansada pois a realidade doí, viver todo esse percurso doeu, abalou as minhas estruturas e fez com que muitas vezes eu duvidasse do meu potencial, da minha força.

Em contrapartida, estou mais do que qualquer outro momento, mais forte, sinto a construção da minha identidade docente emergir sobre a minha vida, sobre as minhas escolhas, sobre tudo que vivi até agora. Deixo esse ciclo registrado em nome da importância e do peso que teve sobre mim, sobre a Emmanuelle, sobre a Mulher, Professora e Pedagoga.

E sim, ainda continuo me sentindo mais professora do que Pedagoga, e para mim não há problema (ou há?). Nós, profissionais da educação, devemos para de nos cobrar tanto, de querer ser tanto, de viver tanto, de querer resolver os problemas do mundo em um único dia. Será que chegará um dia que não nos cobraremos tanto? Que vamos respirar fundo sem o medo de sermos julgados(as). Ainda não respiro fundo sem medo, mas neste exato momento, nem o medo é tão forte quanto a minha vontade e força de ser Professora, de ser Pedagoga, de ser uma agente transformadora da educação.

#### **2.4 Resignificação da minha identidade docente**

Chego até aqui com certezas e incertezas. Dúvidas e afirmações; e mesmo sabendo que isso é natural, me sinto insegura e um tanto quanto frágil, mas também sinto que na minha fragilidade eu encontro forças, uma força que não foi fácil de ser construída, mas não deixa de ter um significado para mim.

Quando falo sobre certezas e incertezas me refiro sobre a Professora e pedagoga; as certezas que eu tenho e que me confortam é saber que nesse processo de construção de identidade docente eu sorri, chorei, cai e levantei inúmeras vezes, me vi sem saída em muitos momentos e situações; mas mesmo sem perceber eu me reconstruía todos os dias.

É revigorante e nos trás uma sensação de dever cumprido quando você sente que o que você achava que não conseguiria, acaba por conseguir. Consegui porque tenho um propósito, uma missão, que não acabará após a graduação. A missão do professor, constante e eterna.

Em contrapartida, também me vejo com incertezas que se deram ao longo do meu processo de formação até agora. Saio da graduação sentindo a força da professora, a voz e a vez de uma educadora que anseia adentrar como Professora dentro das instituições públicas. Todavia, não consigo ter a mesma garra quando se trata da Pedagoga Emmanuelle.

Me pergunto o que exatamente faltou; ou o que deixei de fazer? Essa cobrança tornou-se algo constante dentro de mim nos últimos tempos e dentro do meu narrar sinto que isso veio

com muito mais força. Fico o tempo todo a me perguntar, quem seria a Emmanuelle, se amanhã assumisse um cargo como Pedagoga? Certamente, pensar nessa possibilidade no momento me causam medos e inseguranças.

Ao chegar aqui, não consigo escrever sem ficar pensando em cada ser que fez parte de mim e da minha construção de identidade docente. Cada indivíduo me traz uma sensação, uma vontade, uma saudade. Não sei explicar, é normal apenas sentir?

Quero ressaltar logo nesse início aqui também de que, o quanto escrever é doloroso, sem dúvidas essa sensação fará parte da minha estória, do meu eu, do meu eu tão cheio; quase transbordando, da minha caminhada coletiva, mas também das solitárias.

Conseguir narrar até aqui, para mim, significa ressignificar a Emmanuelle, a Professora Emmanuelle, a Pedagoga Emmanuelle. Que turbilhões de sensações, de funções; de ressignificações. Acredito que consegui, sim, eu consegui chegar, mas ainda falta muito. É normal uma professora sempre achar que falta alguma coisa?

Do início ao fim do trabalho, deixo fortemente rastros sobre ser professora, ser pedagoga; ser uma profissional em formação da área da educação. E agora, sinto que posso dizer em palavras o que para mim significa ser professora, ser uma agente da educação. Ser professora é assumir um compromisso com a vida, com o mundo. É lutar e ressignificar todos os dias a sua luta para não desistir jamais. Ser professora é acreditar na educação, acreditar que nos transformamos através dela; que só o conhecimento salva, liberta, acolhe, desperta.

Ser professora é assumir que você precisa aprender todos os dias, precisa buscar conhecimentos diariamente e ainda sim não será suficiente. Ser professora muitas vezes significa assumir seu cansaço, seu desânimo, sua impotência diante do mundo quando não consegue ajudar aquele educando o quanto desejava.

Ser professora é ser um agente transformador, que observa detalhes, palavras não ditas, atitudes nas entrelinhas, olhares curiosos. Ser professora também é assumir o risco de ser julgada por todos, inclusive por seus colegas de trabalho que os acompanham dia após dia.

Não vou dizer que ser professor(a) é também ser psicólogo, ator, atriz, cantor; porque não concordo com nenhuma dessas denominações clichês, professor é professor e ponto. Nossas habilidades que muitas vezes são confundidas com outras funções, é fruto de muitos anos de estudo, projetos de extensão, programas institucionais que inserem os professores em formações ainda na graduação em escolas públicas. É fruto também de pós-graduações, mestrados, doutorados, frutos de pessoas que passam por nossas vidas, fruto de cada aluno que passou e nos deixou uma marca. Fruto também de professores(as) que deixaram um pedacinho deles(as) conosco, através de uma palavra, mão amiga, apoio e incentivo.

Ser professora é lutar contra o mundo se preciso for, quando aquele educando precisa da nossa atenção, da nossa ajuda, do nosso olhar compreensivo e empático. Ser professor é ensinar os nossos alunos a lutarem pelos seus direitos, por sua autonomia, por terem o direito de ser quem eles querem ser, direito de opinar, questionar, refletir. Mas, sobretudo, também, é não deixar que nossos educandos lutem sozinhos(as). A luta é coletiva, ensinar a lutar em coletivo também é ser professor.

Adicionalmente, trago a fala de uma companheira de graduação, que também é uma das minhas inspirações docentes e a qual me identifico muito. Foi tão importante o meu narrar, tão significativo, que não haveria possibilidades de não eternizar a fala dela em meu trabalho. Sobre suas concepções de professora, minha companheira de luta relata que:

Saindo da universidade agora, como professora, de fato, eu reafirmo a minha posição inicial de antes do início do curso, que realmente quero exercer a docência. Após esse período pandêmico que a gente vivenciou, tendo em vista tudo o que eu vi na escola, nos estágios, mesmo que de moto remoto, nós vamos ter uma grande missão que é levar a aprendizagem, levar o conhecimento e fazer com que tudo que foi estagnado, parado; tudo que perdido durante esse período em que os alunos não conseguiram aprender de forma significativa. Tentar levar de forma digna e merecida, um resgate aos alunos, de suas vidas, de seus lugares no mundo. E um dos pontos que eu aprendi, internalizei com tudo isso, foi repensar as minhas práticas, mesmo com cansaço, com os erros; devo pensar sempre o modo que estou me portando diante da realidade da educação, sobre o que fiz e o que eu posso fazer para melhorar. Até porque, a UEA nos trouxe isso, esse lado crítico, esse senso crítico que devemos ter sempre com a gente. Então isso é o que eu quero levar para a minha profissão (Acadêmica finalista do curso de Pedagogia da Escola Normal Superior – UEA/ENS).

Dentro dessa fala, reafirmo a minha fala de minha concepção de/como professora e o quanto essa significância tomou ainda mais sentido em nossas experiências dentro dos estágios supervisionados. Tudo o que nos ocorreu, ajudou e influenciou a forma com que nos víamos, e consolidou pensamentos do qual já fazia parte de nós.

Conseguir visualizar e viver todos os cenários dos últimos 2 (dois) anos, fez com que a nossa consciência se expandisse sobre nossos deveres, direitos, aprendizagens e saberes pedagógicos que corroboram dentro dos estágios e nos permitem crescer e nos auxiliam na construção de nossa identidade, mesmo que vivenciados de forma remota.

Na verdade, tudo o que ocorreu e da forma que ocorreu corresponde a quem sou hoje. Como relatei, foi sofrido, doloroso e deixou-me perdida em muitos momentos, mas ressalto e me orgulho no que eu mesma fiz com tudo o que me aconteceu.

Quando a Pedagoga Emmanuelle, o processo está em construção e em constante movimento, ao chegar exatamente nesse parágrafo, depois de uma longa jornada de narrativas, percebi que devo respeitar e ter mais carinho sobre o meu processo, sobre a caminhada; assim como tenho paciência e compreendo com os educandos.

Nesse sentido, digo que estou a me descobrir todos os dias, aos poucos; alguns dias mais, outro menos, mas sempre em movimento. Tendo em vista, que não manual de instruções, receitas prontas para sentir-me mais – ou menos – dentro da minha profissão. Me respeitar, sem dúvidas é o primeiro passo para então parar, e me descobrir.

Paulo Freire estava mais do que certo, somos inacabados, somos resultados de nossos inacabamentos. Minha docência é inacabada, minha pedagogia é inacabada. Ao passo que me sinto completa, também me sinto incompleta, mas completamente ciente da falta.

Pensando bem, é melhor assim, quem seria a pedagoga Emmanuelle completamente satisfeita? completa? realizada? com certeza não seria a mesma, não seria a minha essência, não conseguiria buscar por mais, não conseguiria lutar por mais; assim como faço e sou agora.

Inegavelmente, a cada parágrafo me sinto mais eu, me sinto em várias versões que imaginei, mas também, incrivelmente as que eu não imaginei. Nem em meus melhores sonhos pensei que sentiria o que estou sentindo agora.

Ressignificar também significa mudar e me reinventar, ver o mundo com outros olhos. Inclusive me vejo a fazer isso agora mesmo, da primeira letra que eu escrevi até o perante momento, me ressignifiquei tantas vezes, minha eu – professora e pedagoga – já foi e voltou em pensamentos e sensações incontáveis, e assim, sempre será.

O ato de narrar, sem dúvidas, ressignificou minha formação docente, a forma como a docência modificou a minha vida, o modo de ver a vida, as minhas atitudes. Revivendo cada trajetória dos últimos 2 anos foi doloroso e sinto que não consegui expressar o quanto queria, mas o trabalho não termina aqui.

Aliás, minhas narrativas não finalizam aqui; um longo processo precisa ser percorrido. Não é fácil, mais uma vez e por outras e outras vezes terei que reviver meu processo; duro, forte, que me deixa feliz e triste. Mas a cada vez, sinto que me deixa forte.

Minha história de vida, meus choros e risadas, minhas reflexões, as reflexões de meus colegas que também se tornaram as minhas, minhas observações, tudo se constitui a ser quem sou; e quem ainda quero ser.

Além disso, sentia minha voz de professora muito antes dos estágios, sentia ainda nos primeiros dias de aula na faculdade, uma voz ainda doce, baixinha, tímida; mas ainda sim, uma voz. Uma voz que foi crescendo, e que pelas dores da vida, do acaso; por vezes foi ficando mais baixa do que começou.

Mas, o tempo, a força, a voz de cada professor e professora da UEA todas as noites, cada história contada, cada conhecimento compartilhado, cada doação; minha voz foi crescendo, crescendo e me sentindo parte da UEA, do curso, dos meus colegas.

Engana-se quem pensa que o processo foi rápido, foi lento, muito lento. Processo lento que muitas vezes te faz questionar se realmente está avançando. Lembro de sentir essa mesma sensação quando fui pela primeira vez para sala de aula, me sentia feliz, mas estranha.

Estranheza, medo, timidez que foram passando. Experiências que foram deixando a minha voz e me deixando grande também. Há tantas pessoas a quem devo gratidão por esse processo que nem caberia suficientemente nas minhas narrativas.

Agradecer é muito mais que sorrir com os olhos e expressar palavras de afeto, o que eu quero, na verdade, é fazer a diferença na vida de todos(as) que fizeram na minha. Será possível? Devo reformular meus planos?

Diferença em trazer, puder colaborar com um espaço de apoio, de força, de coragem que a educação nos exige. Ser cientista da educação, lutar pela professora que me sinto e sei que posso mais, lutar pela pedagoga que ainda não me sinto completamente, mas sei que ela ainda está a se descobrir. Eu quero, eu sei que posso.

Diferença também na vida de cada professor em formação que por mim, for passar. Durante minha jornada acadêmica, na maioria das vezes, tive docentes em que me apoiaram, acreditaram em mim, me fizeram sentir a força da minha profissão. Força essa que desde então ecoam sobre minha vida. Ter pessoas que acreditaram em mim dentro da faculdade, nos meus estágios, nas minhas relações interpessoais, também me fazem ser quem sou hoje.

Em contrapartida, também vivenciei processos e experiências dolorosas; em lugares que eu não me sentia valorizada, vista e com certeza não sou lembrada, mas até mesmo essas experiências, essas sensações que senti e nunca esquecerei, tiveram efeito sobre mim, sobre minha forma de ver o mundo, e de me enxergar como profissional.

Diante disso, quero ser uma Professora, uma Pedagoga, uma cientista da educação que seja um instrumento de transformação na vida das pessoas, que eu seja incentivadora de cada professor que passar pela minha vida; que eu os ajude em sua formação, que os incentive, que dê força para lutar em qualquer momento turbulento que a educação passar.

Tendo em vista que, na maioria das vezes é exatamente disso que nós, professores em formação precisamos, de alguém que acredite em cada um de nós, que nos ajudem a caminhar, pois sabemos que a caminhada em muitos momentos é turbulenta e ficamos sem saber como lidar.

Ademais, me tornar professora e me sentir professora não foi uma tarefa fácil, exigiu mais de mim do que eu consigo falar e até relembrar. Assim, cabe a ressalva de que, em muitos trechos ressalto de que como pedagoga ainda estou me descobrindo e construindo. Logo, se

para me sentir, sentir a força de ser professora foi e continua sendo um processo longo; como poderia imaginar que ser pedagoga e sentir-me pedagoga seria um caminho mais fácil?

Além disso, lembro-me que uma das primeiras vezes em que me senti verdadeiramente professora foi o dia em que uma aluna chegou bem pertinho e me disse antes que eu fosse embora “a sua voz é tão fofa, e a senhora explica bem. A senhora fez eu entender, tomara que amanhã você venha novamente, prof.”.

Confesso que, não esperava ouvir essas palavras e gestos tão inesperado, espontâneo, ingênuo e sincero. Mas, naquele momento eu senti, eu senti que tudo valeu a pena. As indecisões, os medos; nada mais importava, e tudo o que eu ouvia falar sobre ser professora fez sentido e me fez sentir viva.

Assim, minha vida fez sentido, eu fiz sentido. Atualmente, tenho percebido dilemas em separar a minha profissão da Emmanuelle mulher, filha, irmã, amiga, namorada, pois ela se mistura com a Emmanuelle Professora, Emmanuelle Pedagoga. Confesso que gosto, esperei tanto por esse lugar, por ser conhecida assim, que agora me sinto confortável e autenticamente feliz sendo vista dessa forma.

Talvez, nem se eu não quisesse ser vista como professora, teria como. Na verdade, algumas nomenclaturas também mudaram na minha vida familiar e pessoal, agora minha mãe é “mãe da professora”, minha irmã é “irmã da professora”, meu namorado transformou-se em “namorado da professora” e minha melhor amiga, por sua vez, é “amiga da professora” que também é professora. A ressignificação docente atingiu patamares acadêmicos, familiares e pessoais. Nunca imaginei, mas gostei. Não queria que fosse diferente.

E não posso esquecer de reafirmar, mais uma vez, como o período de pandemia ajudou na minha ressignificação. Na verdade, durante minhas narrativas é claro e evidente. Mas quero aqui, novamente, ressaltar meu compromisso mais do que nunca com a educação.

Chorei, sofri, vi meus colegas sofrendo, vi meus professores sofrendo, vi alunos, ex-alunos, professores supervisores de estágio, gestores e pedagogos sofrendo. Sentei-me e chorei por vezes, me via fraca, sem força, sem voz naquele momento, pedindo, implorando para que tudo isso passasse, para que a minha luz e minha esperança não se perdesse no caminho.

Todavia, foi impossível, muitas vezes, sim, me perdi. Me perdi sem a perspectiva de me achar. Inclusive, achei que não voltaria, que não conseguiria. Não deixei isso tão evidente durante minhas narrativas, pois como disse ao longo delas, alguns assuntos deixarei para as próximas (afinal, meu trabalho não acaba aqui).

Mas, como tudo na vida são constituídos por etapas, aos poucos consegui. Inicialmente não percebia que eu estava conseguindo, pensei que estava a me enganar, mas fui me

restabelecendo e minha voz emergindo novamente. Uma voz alta e com muita força, e fui conseguindo com cada situação, cada etapa do estágio, com cada palavra que ouvia, lia, cada pessoa que passou pela minha vida, fui me consolidando, fui a deslanchar, a tomar mais vida, mais cor, mais forte, mais disciplina.

Claro que, no final, todos os processos me doeram e tiraram um pouco de mim, ou tudo de mim. Mas me repuseram e me fizeram quem eu sou hoje. Se me perguntarem se viveria tudo novamente, diria que não. Até mesmo para escrever esse trabalho eu escrevo com dor; e por ser sensível e muitas vezes querer correr de tudo e de todos, talvez me faltasse coragem para tal.

Em contrapartida, sei exatamente quem sou hoje e me sinto realizada em ser e saber a profissional que está em construção; que sempre estará em construção. Prefiro não pensar se tivesse – ou não – acontecido tudo. A minha ressignificação acontece exatamente nesse processo que vivi e sei que viverei outros e outros e voltarei aqui para continuar a narrar.

Dessa maneira, não sabendo como finalizar no momento, em meio às lágrimas e com a vista embaçada, dou apenas uma pausa – somente na escrita – e estarei aqui, indo viver mais um novo clique da minha construção de identidade docente. E com certeza, logo menos, a Emmanuelle, mulher, Professora e Pedagoga estará aqui, de novo. Não acabou, não acabará. A educação não se esgota; nunca esgotará. Seguirei firme aqui, lutando e me (re)significando todos os dias, um pouco mais, graças a vocês.

Nas próximas, chorarei menos – ou mais. Aos leitores, fiquem tranquilos, eu venci esse processo. Eu sei que venci. Por vezes, desacreditei, mas a cada desacreditar, tive pessoas que me impulsionaram a ser e estar onde estou hoje. Venci os últimos 2 (dois) anos, venci os últimos 4 (quatro) – 5 anos – da universidade, da minha formação; venci cada obstáculo, venci as oportunidades não tidas, as palavras não faladas, os momentos não vividos também.

Venci e me transformei e transformei minha história como inspiração para mim. Não sou mais um número, um quantitativo, sou a professora. A pedagoga. Sou a que colabora e faz a educação acontecer. Professor(a) em formação, sinta-se abraçado como eu me senti. Seguimos firmes, a luta apenas começou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do início ao fim do meu processo de pesquisa e escrita narrei de forma a deixar meus pensamentos, sentimentos e reflexões emergirem. Agora, ao final, não seria diferente. Para ser bem sincera, sigo anestesiada sem acreditar que consegui, que estou nesse momento a escrever as considerações finais do meu trabalho, da minha monografia, da minha narrativa que tanto significou para mim.

Escrever é doloroso, digo que é muito fácil escrever e verbalizar um cenário e situações bonitas, mas quando você precisa despir-se de qualquer romantização e se colocar por inteira em uma narrativa e analisar o seu próprio processo formativo de construção de identidade docente; dói. Dói porque você sabe o que passou, o que viveu, o que ouviu; você sabe também o que não passou, o que não viveu e também o que deixou de ouvir.

A narrativa contribuiu significativamente para o meu processo de construção de identidade docente, e o objetivo era exatamente esse ao decidir embarcar nessa metodologia. Inclusive, contribuiu muito mais do que eu imaginei. Posso afirmar, com clareza, que existe uma Emmanuelle que se ressignificou infinitas vezes ao longo do percurso desse trabalho.

Uma Emmanuelle mulher, pedagoga, professora que não perdeu a sua essência de quando até mesmo estava a dar o seu primeiro passo para entrar na Universidade e já tinha em mente os seus objetivos, anseios e expectativas. Essa essência sempre permaneceu e quero tê-la comigo para todo o sempre, mas com certeza, consigo notar o quanto eu cresci durante todos esses anos, e o quanto estou ansiosa por demais processos e experiências que estou a vivenciar daqui para frente.

Tinha como problema de pesquisa investigar como o estágio curricular supervisionado no contexto da pandemia influenciou na construção da identidade docente do curso de pedagogia da UEA. E digo com firmeza que as influências foram do início ao fim e perduram até hoje.

Sentimentos de incertezas e inseguranças, que ainda tomam conta do meu ser, mas sinto que isso me fez mais forte, me colocou diante do que a educação exatamente é: verdadeiramente uma montanha russa. Onde em um momento você chora de emoção, noutro, de medo.

Por vezes, como narrado, senti vontade de fugir do que vivia, achava que não conseguiria; esse sentimento de impotência que a pandemia nos trouxe sem dúvidas são consequências avassaladoras que emergem sobre minha vida até hoje.

Contudo, agora, tenho uma outra percepção; de que tudo que me ocorreu me fez ser o que sou hoje; uma profissional consciente do que a educação representa no mundo, da importância que eu tenho diante de cada educando(a). De que sim, eu tenho voz e vez no, de que eu tenho o poder de transformar a vida de cada aluno que por mim passar.

Não estou de modo algum romantizando tudo o que eu vivi, até porque não há nada para ser romantizado. Mas, não posso ser vítima da minha própria história, não posso deixar que os desafios da vida me façam esquecer o meu compromisso e missão que firmei desde o dia em que escolhi ser professora e pedagoga.

Além disso, a consciência da importância que temos na educação começaram a emergir sobre minha pessoa muitos antes dos estágios. Durante toda graduação essa visão, alinhando-se com todas as experiências e bagagens que carregamos fora da Universidade ajudam nessa construção.

Todavia, ao realizar o estágio supervisionado e vivenciar cenários que até então eram inimagináveis, me ocorreu um despertar de consciência, pensar que tudo pode mudar, que nossas vidas podem sim repentinamente mudar; que precisamos estar preparados para adaptar as nossas práticas e nunca esquecendo de sempre colocar aprendizagem significativa do educando como prioridade, de colocá-lo como protagonista da sua história, do seu ensino.

Durante toda academia ouvi e sei que continuarei a ouvir que a aprendizagem e o ensino devem ser significativo, que os nossos alunos devem ter o direito que sentir-se parte do processo, e é por essa razão que devemos lutar todos os dias. Devemos quebrar esse paradigma em que esses discursos bonitos fiquem somente em sala de aula ou quando tudo “está bem”; devemos lutar e em ir buscar de uma educação emancipadora mesmo quando as circunstâncias sejam desafiadoras.

Ademais, de forma mais clara e sensível vejo as influências de tudo que aconteceu refletindo no meu processo de construção de identidade docente. Durante minhas narrativas digo que não viveria tudo isso novamente, e aqui, volto a reafirmar: não viveria. Não somente por mim, mas em nome de vidas que foram ceifadas, de educandos(as) que foram inviabilizados, de colegas e professores da universidade que assim como eu, adoeceram mentalmente.

Não vou me subestimar e dizer que seria a mesma professora e pedagoga em formação se não fosse advinda de todas essas situações, mas com toda certeza, com a confiança que tenho em meus professores os quais tive a oportunidade e prazer de estudar, assim como a Universidade do Estado do Amazonas como um todo, sei que não seria “menos” do que me transformei hoje.

Minha construção de identidade docente está em cada passo que eu dei, em cada palavra, aula dos meus professores, alegrias e choros, palavras não ditas, momentos de desespero e consolo que eu recebi. A construção de identidade docente não se esgota aqui, é um processo infinito. Até mesmo quando eu pensar que vi e vivi tudo, saberei que no dia seguinte verei e vivenciarei experiências novas.

Aqui finalizo e agradeço a oportunidade ser lida e ouvida, o processo foi intenso e extenso. Dessa forma, minhas narrativas não poderiam ser diferentes, não seria eu. Não seria a Emmanuelle mulher, pedagoga (a descobrir) e professora em formação. Não apenas narrei, eu me (re)descobri.

## REFERÊNCIAS

- AMAZONAS. Governo do Estado do Amazonas. Decreto n.º 42.087, de 19 de março de 2020. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*: seção I, Manaus, AM, ano CXXVII, n. 34.209, p. 01, 19 de mar. 2020.
- AMAZONAS. Governo do Estado do Amazonas. Decreto n.º 42.100, de 23 de março de 2020. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*: seção I, Manaus, AM, ano CXXVII, n. 34.209, p. 01, 23 de mar. 2020.
- AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. Portaria Normativa 002/2021 GR/UEA, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre os procedimentos acadêmicos para o 1º semestre do ano letivo de 2021. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*: seção II, Manaus, AM, ano CXXVII, n. 34.562, p. 18, 10 de ago. 2021.
- AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. *Nota Técnica 001/2020 PROGRAD/UEA*. Manaus, AM. 8 de jun. 2020. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1WGGq7vx192bU\\_eDJ8WgM7hf\\_VidwsG7U0/view](https://drive.google.com/file/d/1WGGq7vx192bU_eDJ8WgM7hf_VidwsG7U0/view)>. Acesso em: 10.08.2022
- AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. Portaria n.º 0228/2020 de 22 de março de 2020. Dispõe sobre a suspensão das aulas presenciais. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*: seção II, Manaus, AM, ano CXXVII, n. 34.209, p. 1, 23 de mar. 2020.
- AMAZONAS. Universidade do Estado do Amazonas. Resolução n.º 010/2020 – CONSUNIV. APROVAÇÃO do novo calendário acadêmico para o ano letivo de 2020, em função da situação de Calamidade Pública na Saúde, decretada pelo Governo do Estado do Amazonas decorrente da pandemia COVID-19. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*: seção II, Manaus, AM, ano CXXVII, n. 34.236, p. 28 de abr. 2020.
- ARAÚJO, O. H. A.; MARTINS, E. S. Estágio curricular supervisionado como práxis: algumas respostas e possíveis respostas. *Reflexão e Ação*, v. 28, n. 1, p. 191-203, 5 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 07/08/2022
- BRASIL. Ministério de Estado da Educação. Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. *Diário Oficial da União*: seção I, Brasília, n. 53, p.39, 18 de mar. 2020.
- CAMPOS, R.S.S; PAIVA, N.S.P. A potencialidade da educação em saúde na escola em tempos de pandemia da covid-19: uma reflexão necessária. In: EYNG, Ana Maria; COSTA, Reginaldo Rodrigues(orgs). *Anais do XV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Curitiba: 2021. 13.181 p.

CANTONI et al. Estágio Curricular: perspectivas e desafios de constituir-se educador em tempos de pandemia. Edição Especial: *I SSAPEC – Simpósio Sul-Americano de Pesquisa em Ensino de Ciências*. ISSN: 2595-4520, v. 4, n. 3, 2021.

CARVALHO, D. C. de; GRANDO, S. B.; BITTAR, M. (Orgs.). *Currículo diversidade e formação*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 287 p.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109145, 2020.

CUSTÓDIO, Maria do Carmo. *Escola Cidadã: Algumas reflexões sobre a democratização da escola pública*. 2008. Puc-sp

DUARTE, A. W. B.; HYPOLITO, A. M. Docência em tempos de Covid-19: uma análise das condições de trabalho em meio a pandemia. *Revista Retratos da Escola Brasília*, v. 14, n. 30, p. 736-753, set./dez., 2020. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>> Acesso em: 18 out. 2022.

FARIAS, Fabíola da Costa. Pode entrar a casa é sua! O acolhimento na educação infantil e a relação família-escola. *EDUCERE*, v. 5, 2015.

FRANCO, M. A. S.; LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. *Conferência de abertura do IV Fórum Nacional de Pedagogia (FONAPE)*. Ano 14, n. 17, jul. 2011, p. 55-78.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOODSON, I. E Currículo, narrativa pessoal e futuro social / Ivor Goodson; tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Ins Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

GONÇALVES, G. B.; GUIMARÃES, J. M. DE M. Aulas remotas, escolas vazias e a carga de trabalho docente. *Revista Retratos da Escola, Brasília*, v. 14, n. 30, p. 772-787, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>

LIBÂNEO, José Carlos et al. *Organização e gestão da escola: Teoria e prática*, v. 5, 2004.

MANAUS. Decreto nº 5.126, de 20 de agosto de 2021. Dispõe sobre o retorno das atividades presenciais no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. *Diário Oficial de Manaus*: Manaus, AM, ano XXII, Edição 5167, p. 1-2.

NÓVOA, A. *Escola e Professores Proteger, transformar e valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, A; ALVIM, Y A. Os professores depois da pandemia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 42, 2021.

OLIVEIRA, A.M.; GONZAGA, C.B. Professor pesquisador-educação científica: o estágio como pesquisa na formação de professores das series iniciais. *Ciência & Educação*, v. 18, n. 3, p. 689-702, 2012.

OLIVEIRA, D. A.; JUNIOR, E. A. P. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. *Revista Retratos da Escola Brasília*, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>. Acesso em: 18 out. 2022.

PASSEGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 27, p. 369-386, abr. 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, S G; SEVERO, J. L. R. L. (orgs.). *Pedagogia – teoria, formação e profissão*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

SEMED. *Projeto ‘Aula em Casa’ é aprovado por pais e alunos do ensino fundamental*, 2020. Disponível em: [https://www.manaus.am.gov.br/noticia/projeto-aula-em-casa-e-aprovado-por-pais-e-alunos-do-ensino-fundamental-aprovam-o-projeto-‘Aula-em-Casa’-\(manaus.am.gov.br\)](https://www.manaus.am.gov.br/noticia/projeto-aula-em-casa-e-aprovado-por-pais-e-alunos-do-ensino-fundamental-aprovam-o-projeto-‘Aula-em-Casa’-(manaus.am.gov.br)). Acesso em: 14 out. 2022.

SILVESTRE, M. A.; PINTO, U. de A. (orgs.). *Curso de pedagogia: avanços e limites após as diretrizes curriculares nacionais*. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, E. C. de; MEIRELES, M. M. de. Olhar, escutar e sentir: modo de pesquisar-narrar em educação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v.15, n.39. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180034>>. Acesso em: 27.08.2022.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

UEA. Universidade do Estado do Amazonas. *Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia*. Manaus, 2017.

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION] **COVID-19 Educational disruption and response**. Paris: Unesco, 30 July 2020a. Disponível em: <http://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-and-response-13363>. Acesso em: 18 out. 2022

UNICEF. 3 em cada 10 crianças no Brasil não receberam vacinas que salvam vidas, alerta UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/3-em-cada-10-criancas-no-brasil-nao-receberam-vacinas-que-salvam-vidas-alerta-unicef>. Acesso em: 23 set.2022

VENTORIM, S. Estágio docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

VIEIRA, L. M. F.; FALCIANO, B. T. Docência na educação Infantil durante a pandemia: percepções de professoras e professores. *Revista Retratos da Escola Brasília*, v. 14, n. 30, p. 788-805, set/dez. 2020. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>. Acesso em: 18 out. 2022